

Reginaldo Rodrigues Celidonio

“SOU A LUZ DO MUNDO” Jo 9,5B
O SINAL DA LUZ NO QUARTO EVANGELHO

Dissertação de Mestrado em Teologia

Orientador: Prof. Dr. Johan Maria Herman Konings

Apoio CAPES

Belo Horizonte
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
2021

Reginaldo Rodrigues Celidonio

“SOU A LUZ DO MUNDO” Jo 9,5B

O SINAL DA LUZ NO QUARTO EVANGELHO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Teologia.

Área de concentração: Teologia Sistemática

Orientador: Prof. Dr. Johan Maria Herman Konings

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

| | |
|-------|---|
| C392s | Celidonio, Reginaldo Rodrigues “Sou a luz do mundo” Jo 9,5B: o sinal da luz no quarto Evangelho / Reginaldo Rodrigues Celidonio. - Belo Horizonte, 2021. 74 p. Orientador: Prof. Dr. Johan Maria Herman Konings Dissertação (Mestrado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Departamento de Teologia. 1. Bíblia. N.T. João. I. Konings, Johan Maria Herman. II. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de Teologia. III. Título |
|-------|---|

CDU 226.5

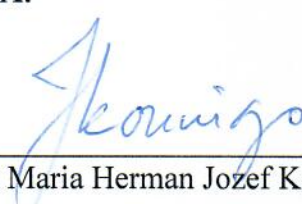
Reginaldo Rodrigues Celidonio

“SOU A LUZ DO MUNDO” Jo 9,5B
O SINAL DA LUZ NO QUARTO EVANGELHO

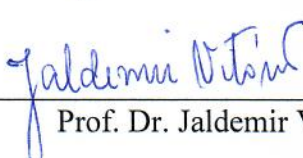
Esta Dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Teologia e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

Belo Horizonte, 14 de setembro de 2021.

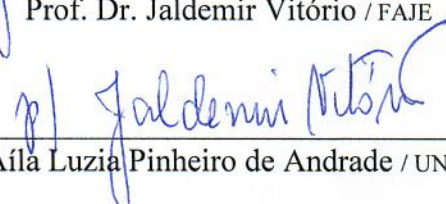
COMISSÃO EXAMINADORA:



Prof. Dr. Johan Maria Herman Jozef Konings / FAJE (Orientador)



Prof. Dr. Jaldemir Vitório / FAJE



Prof.^a Dr.^a Aíla Luzia Pinheiro de Andrade / UNICAP (Visitante)

À minha mãe, *in memoriam*.

Agradecimentos

A Deus, primeiramente, pelo cuidado, carinho e confiança que tem em mim.

À minha Igreja particular, Diocese de Leopoldina, na pessoa de Dom Edson José Oriolo dos Santos, que me permitiu dar mais esse passo em busca do crescimento para melhor amar e servir.

Aos meus familiares, amigos e irmãos no ministério ordenado por respeitarem minhas escolhas e terem paciência para comigo.

Ao Prof. Johan Konings, que me acolheu e me deixou ainda mais encantado pelas escrituras, sua acolhida, conhecimento e humildade me fascinam. Sua orientação, seriedade e amor pelo que faz me proporcionaram muito crescimento. Conhecê-lo foi um presente de Deus para mim. Pessoas assim deixam o mundo melhor, espelhando Deus.

Aos professores da banca pela disponibilidade e dedicação em ler meu trabalho

Ao amigo e “irmão” Pe. Alessandro Tavares pela presteza e rapidez nas correções gramaticais.

Ao amigo e “irmão” Eduardo Roberto Severino pelas inúmeras partilhas e correções das referências.

A toda equipe FAJE, corpo docente e funcionários pelo profissionalismo, competência, eficiência, educação e acolhida, isso fez toda diferença, uma experiência que vou levar para o resto da vida.

À Igreja particular de Belo Horizonte por me acolher nesse período de estudos acadêmicos.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Resumo

O presente trabalho apresenta uma visão sobre a autorrevelação de Jesus “Eu sou a luz do mundo”, na perspectiva bíblica, chamando a atenção sobre quem entendeu e quem não entendeu o que ele disse e fez. Faz-se uso do método de análise temático-semântica, baseando-se em alguns biblistas que se debruçaram nessa temática como: Brown, Schnackenburg, Léon-Dufour, Dodd, Konings, Silvano, Beutler e outros. A temática é desenvolvida metodologicamente numa perspectiva progressiva, ou seja, das reflexões ocorridas nas últimas décadas até os dias atuais. Uma análise acerca dos termos luz e mundo é realizada. O objetivo é perceber como o caminho é feito e como cumprir tal tarefa. À luz do texto bíblico, busca-se atualizar o fato e tentar aplicá-lo na pastoral. Aquele que se encontra com Jesus precisa, necessariamente, optar pela luz ou pela escuridão. Foi exatamente isso que aconteceu com o cego curado, com as autoridades religiosas e é o que acontece, hoje em dia, com quem se encontra com Jesus. A luz revela tudo o que está no coração humano.

Palavras-chave: Jesus. Luz. Mundo. Pastoral. Escuridão.

Abstract

This work presents a vision on Jesus' self-revelation, "I am the light of the world", from a biblical perspective, calling attention to those who understood or did not understand what Jesus said and did. Based on Bible scholars such as Brown, Schnackenburg, Léon-Dufour, Dodd, Konings, Silvano, Beutler and others, a thematic-semantic analysis was used to develop the topic methodologically in a progressive perspective. Starting from reflections over the last decades up to the present day, the terms light and world were analyzed, aiming at understanding how their path is unfolding and how to carry out the task. In the light of the Biblical text, an attempt is made to update Jesus' statement and apply it to pastoral care. Those who meet Jesus must necessarily choose between light or darkness. This is exactly what happened to the healed blind man and to the religious authorities then and it continues to happen to those who meet Jesus today. It is light that reveals the human heart.

Keywords: Jesus. Light. World. Pastoral care. Darkness.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 9 |
| 1 ESTADO DA QUESTÃO | 12 |
| 2 A SEMÂNTICA DA LUZ EM JOÃO..... | 16 |
| 2.1 Semântica geral da luz nos textos joaninos..... | 16 |
| 2.1.1 Jesus, a luz que ilumina a humanidade..... | 17 |
| 2.1.2 Semântica da luz no Quarto Evangelho..... | 19 |
| 2.1.3 À luz do evangelho, descobre-se o verdadeiro sentido da vida..... | 19 |
| 2.1.4 Jesus é a luz que ilumina os homens que estão nas trevas..... | 20 |
| 2.1.5 O último apelo de Jesus para que creiam na luz..... | 20 |
| 2.1.6 Luz e vida como termos equivalentes..... | 22 |
| 2.1.7 Jesus, a luz que brilha nas trevas..... | 25 |
| 2.1.8 A luz como temática dominante..... | 27 |
| 2.2 O “sinal” da luz em Jo 9..... | 30 |
| 2.2.1 Crítica à teologia da culpa e da retribuição..... | 30 |
| 2.2.2 O cego nato vê e os que pensavam ver se tornam cegos..... | 30 |
| 2.2.3 O cego curado: um modelo de discípulo a ser seguido..... | 33 |
| 2.2.4 A cegueira espiritual das autoridades religiosas..... | 36 |
| 2.2.5 A cegueira espiritual das autoridades religiosa..... | 37 |
| 2.3 Aspectos específico da 1Jo..... | 38 |
| 2.3.1 A luz em 1Jo 1,5-2,28..... | 38 |
| 2.3.2 Caminhar na luz e confessar Jesus como o Cristo..... | 39 |
| 2.3.3 Deus é luz..... | 39 |
| 2.3.4 A importância de reconhecer-se pecador..... | 40 |

| | | |
|-------|--|----|
| 2.3.5 | A comunhão com Deus acontece quando se anda na luz..... | 41 |
| 2.3.6 | O anúncio do amor..... | 43 |
| 3. | “EU SOU A LUZ DO MUNDO” | 51 |
| 3.1 | Uma reflexão sobre Jo 8,12..... | 51 |
| 3.1.1 | O contexto de Jo 7–8..... | 51 |
| 3.1.2 | O testemunho de Jesus é verdadeiro..... | 53 |
| 3.2 | Jesus como luz do mundo (Jo 9,5) no conjunto de Jo 9,1-7..... | 55 |
| 3.2.1 | A narrativa do sinal..... | 55 |
| 3.2.2 | O cego é a ovelha que escuta a voz do Bom Pastor..... | 57 |
| 3.2.3 | Jesus, passando, viu o homem que não via..... | 59 |
| 3.2.4 | A enfermidade como auxiliar na realização social..... | 60 |
| 3.2.5 | Relação entre sofrimento e pecado..... | 61 |
| 3.2.6 | A finalidade da cegueira na pessoa do cego de nascença..... | 61 |
| 3.2.7 | A luz ameaçada pelas trevas..... | 61 |
| 3.3 | A luz do mundo e no mundo..... | 62 |
| 3.3.1 | O Enviado e sua comunidade são estranhos ao mundo..... | 62 |
| 3.3.2 | Panorama do mundo espiritual e cultural do Quarto Evangelho..... | 63 |
| 3.3.3 | O embate da luz com as trevas..... | 63 |
| 3.3.4 | Os dois significados diferentes de “mundo” em João..... | 64 |
| 3.3.5 | O alcance das palavras de revelação (Jo 8,12; 9,5)..... | 65 |
| 3.3.6 | A ampliação da visão e da cegueira..... | 66 |
| 3.3.7 | A vinda de Jesus como juízo para o mundo..... | 67 |
| 3.3.8 | Quem não aceita a luz acostuma-se com a escuridão..... | 68 |
| | CONCLUSÃO..... | 70 |
| | REFERÊNCIAS..... | 73 |

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa pesquisar a questão da *luz* no Quarto Evangelho e, indiretamente, refletir sobre as *trevas*. O foco principal será Jo 9,5. A partir daí, conforme a pedagogia de João que nos é apresentada, podemos compreender que Jesus é a *luz* que expulsa as trevas, descobrindo quem enxerga de verdade e quem de fato não enxerga.

Para que isso seja possível, precisa-se, primeiramente, mergulhar no pensamento do evangelista entendendo o que ele realmente está dizendo. Isso faz com que haja a superação de uma visão presa à materialidade do fato. Torna-se evidente que Jesus está enfrentando uma religiosidade que, ao invés de apresentar Deus sobretudo pela acolhida e misericórdia, exclui e marginaliza; que, em vez de iluminar, opta por manter as pessoas nas trevas; que deveria curar, mas escolhe manter na cegueira.

Em um segundo momento, o escopo teórico, buscado em diversos biblistas, ajudará a compreender o sentido real da cura realizada por Jesus, vendo-o não como um majestático oftalmologista, mas como a luz mesma.

Para tal efeito de compreensão, autores como: Brown, Schnackenburg, Léon-Dufour, Dodd, Konings, Silvano, Beutler e outros, mencionados na pesquisa, ajudam na reflexão que permite responder a respeito da importância da temática trabalhada.

A contribuição que se quer dar é, partindo da realidade trabalhada pelo evangelista, suscitar análises sobre a situação atual. Pretende-se saber se a manifestação de Jesus como luz do mundo foi compreendida pelos que estavam ao seu redor – a comunidade dos adversários e a comunidade marginalizada – e, existindo um cego de nascimento, quem é o responsável. Se a cegueira refere-se à comunidade, a quem convém que ela continue cega? Alargando o entendimento relativo à cegueira, quem é o verdadeiro cego, os que representam a comunidade da religião oficial ou aquele que representa a comunidade marginalizada? Por que em nosso mundo, mesmo Jesus tendo curado um cego de nascimento, ainda existem tantos “cegos”? Os trabalhos desenvolvidos até o momento cumprem o objetivo de mostrar quem são os verdadeiros cegos, os que pensavam enxergar.

No capítulo I apresentamos o estado da questão em relação às palavras manifestadas por Jesus: “Eu sou a luz do mundo”. O que significam concretamente? Ele é reconhecido como o Messias, o Filho de Deus? No hodierno, ainda há pessoas cegas necessitando de cura? Indaga-se sobre quem é o cego de fato. No campo pastoral surgem alguns desafios para

perceber quem é cego e quem enxerga. O que fazer para que quem está cego veja? O que acontece com quem recusa-se a ver a luz que é Jesus?

No capítulo 2, a reflexão foca na semântica da luz em João. Antes, porém, descreve como a luz era vista conforme a concepção do homem oriental. A seguir, analisa-se o termo luz no Evangelho de João, por último, em sua Primeira Carta.

No capítulo 3, a reflexão é direcionada para a afirmação de Jesus: “Eu sou a luz do mundo” (Jo 8,12; 9,5). Parte-se de João 8,12, compreendendo o testemunho de Jesus no contexto de Jo 7–8. Logo após, discorre-se acerca de Jo 9,5 no conjunto que compreende Jo 9,1-7. Por fim, trabalha-se a temática da luz do mundo e no mundo.

Na conclusão, percebe-se que quem encontra-se com Deus, acolhendo sua luz, torna-se luminoso portanto, recebendo a missão de iluminar o mundo. A luz liberta o ser humano da escuridão a que foi submetido e em que está mergulhado. A cura física e a espiritual acontecem simultaneamente. Enfim, evidencia-se de modo ampliado a visão e a cegueira das pessoas.

A pesquisa deixa claro que Jo 9, onde Jo 9,5 está situado, do início ao fim fala de dois tipos de cegueira, a física e a espiritual. A luz tem a missão de iluminar as trevas, libertar as pessoas. Biblicamente, a humanidade é chamada a ser permeada pela luz. Na figura do cego, o autor do Quarto Evangelho convida a todos a realizar o verdadeiro sentido do que é ser cristão. Para isso, é importante que o leitor encontre-se com Jesus, luz que ilumina a humanidade.

Todavia, muitos optam pelas trevas, estão cegos para a luz, acostumaram-se com a escuridão, rejeitam Jesus. Em sentido pleno só Deus é luz, nele não há trevas. Para que haja vida, a luz faz-se necessária; do contrário, na escuridão imperam a morte e o pecado.

Na ação de Jesus descrita em Jo 9, Deus está fora do Templo, está no meio dos sofredores, pois é um sofredor que acolhe a luz. Este, ao lavar-se na piscina de Siloé – referência ao Batismo –, passa a ver, enfrenta os que rejeitam Jesus e sua ação, encontra-se com Jesus, vendo-o.

Conclui-se que as autoridades político-religiosas são as responsáveis pela cegueira do povo. O povo sofredor é sintetizado na figura do cego. As dificuldades que se percebem dizem respeito às ações pastorais da Igreja: como é difícil conduzir as pessoas para a conversão, para que aceitem a salvação de Jesus, a luz do mundo. Mas uma coisa é certa, aparece claramente quem enxerga e quem é cego. O objetivo proposto pelo evangelista é mostrar a seus leitores que Jesus é o Messias, a luz verdadeira.

O método utilizado é a análise temático-semântica, para que se perceba como a temática vem sendo discutida, como progrediu desde os estudos mais antigos aqui apresentados até os mais atuais.

Nas últimas décadas, muito se discutiu sobre as autorrevelações de Jesus, inclusive a que estudamos nesta dissertação. O presente trabalho pretende ser um contributo teológico-pastoral, deixando claro que é sumamente importante acolher a luz, isso faz com que a humanidade viva de modo pleno, exerça sua vocação. No momento de tantas polarizações, experimentar a luz verdadeira traz liberdade, as trevas são dissipadas, o chamado a exercer o protagonismo do Batismo impõe-se, provoca, desnuda-se.

1 ESTADO DA QUESTÃO

O tema proposto para o trabalho dissertativo é: “‘Sou a luz do mundo’ (Jo 9,5b): O sinal da luz no Quarto Evangelho”. Queremos apresentar que a manifestação de Jesus como luz do mundo ao cego de nascença faz com que este adquira consciência de homem livre e Filho de Deus. Essa mesma luz revela a escuridão que está no coração das autoridades religiosas que perseguem o cego depois de sua cura.

Nesta linha de raciocínio aparece uma problemática a ser resolvida: em Jo 9, está configurado o Batismo cristão? De fato, o leitor iniciado percebe claramente uma evocação do Batismo em nome de Cristo. Nos primórdios da Igreja, o Batismo era chamado de *phôtismós*, iluminação¹. A cura do cego de nascença apresenta com bastante nitidez que o Batismo é uma iluminação². Inclusive, a profissão de fé no Filho do Homem, em Jo 9,35-36, indica o sentido batismal.

Os gestos e as palavras de Jesus despertavam nos leitores ou ouvintes o ato contemplativo, deste modo, alimentavam a fé dos crentes. O Evangelho tem essa capacidade de atualizar em nós as práticas de Jesus. Graças a isso, torna-se possível observar a realidade segundo os critérios do Mestre. A presente reflexão configura-se como uma comparação entre as primeiras comunidades e nós: os dois momentos se interpenetram.

Com efeito, mergulhar no pensamento daqueles a quem o escrito se destinava – os membros que participavam do processo de iniciação ou aqueles que desejavam consolidar a fé –, é uma forma possível de compreensão do evangelho joanino. Em Jo 5–12, percebem-se conflitos que exigem opção de fé. Torna-se sumamente importante atualizar, fazendo memória, o que Jesus praticou para colocá-lo em prática hoje. A leitura do evangelho de João é infinita.

Sendo assim, o estado da questão proposto delinea-se pelas seguintes indagações: a manifestação de Jesus externada nas palavras: *Eu sou a luz do mundo*, de fato, concretiza-se? Qual seu significado? Ele é reconhecido como o Messias, o Filho de Deus? A partir de tais pressupostos, convém indagar ainda qual é cegueira hoje e de quem é a culpa?

Em consonância com o exposto, na busca da semântica existencial-pastoral, sem aprofundar as questões de análise literária, elencamos o modo como os autores pesquisados apresentam a questão.

¹ KONINGS, J. *Evangelho segundo João: Amor e fidelidade*. São Paulo: Loyola 2005. p. 198.

² LÉON-DUFOUR, X. *Os evangelhos e a história de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 1972. p. 108.

De acordo com a obra epocal de Charles Harold Dodd, publicada inicialmente em 1953, Jo 7–8 apresenta Jesus se manifestando ao mundo como vida e luz, porém é rejeitado. Essa referência é encontrada no Prólogo, integrando o centro do Livro dos Sinais³. Nesse sentido, o aspecto da luz predominará no episódio do cego de nascimento, a cura desse homem será concebida como o triunfo da luz sobre as trevas. A manifestação da luz proporcionará um diálogo que se dará em forma judiciária⁴.

Segundo Rudolf Schnackenburg, após ter falado sobre a obra de Deus, Jesus anuncia o significado do sinal que fará (Jo 9,5)⁵. Ele exerce a missão de ser a luz do mundo, enquanto está no mundo, cumprindo a vontade do Pai. Desse modo, é impelido a atuar sabendo que sua hora se aproxima, faz o convite à fé (Jo 12,36)⁶.

Raymond E. Brown acentua que o evangelista é muito cuidadoso porque, antes de narrar o milagre, indica o significado do sinal, que é um exemplo claro da luz que invade as trevas⁷.

Seguindo o exposto, Bruno Maggioni afirma que Jesus está preocupado em demonstrar que a doença tem um significado no plano de Deus, pois o sinal de pecado transforma-se em sinal salvífico, que manifesta as obras de Deus. É um milagre, ou sinal, com muitas significações, revelando aqui Jesus como luz do mundo (Jo 9,5)⁸.

Xavier Léon-Dufour afirma que a intervenção de Deus se dá no mundo por meio da luz que ilumina o Filho, que a palavra dita por Jesus sobre a situação do cego de nascimento é ilustrada pelo acontecimento da cura, a luz revela sua eficácia⁹.

Para Yves Simoens, Jesus inaugura o futuro de modo positivo, tendo em vista a manifestação das obras de Deus no sofrimento. Ele se revela, então, como luz do mundo, fazendo o que todos poderão compreender¹⁰.

Para Johan Konings, Jesus mostrará, pelo gesto, o que ele diz em Jo 9,5: enquanto está no mundo é a luz do mundo (Jo 1,5.9; 8,12; 12,46)¹¹.

³ DODD, C. H. *A interpretação do quarto evangelho*. São Paulo: Teológica, 2003. p. 462.

⁴ DODD, 2003, p. 463.

⁵ SCHNACKENBURG, R. *El Evangelio según San Juan: Versión y comentario*. Barcelona: Herder, 1980. t. II. p. 305.

⁶ SCHNACKENBURG, 1980, p. 305.

⁷ BROWN, R. E. *Comentário ao evangelho segundo João (1-12): introdução, tradução e notas*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2020. v. 1. p. 649.

⁸ MAGGIONI, B. O Evangelho de João. In: FABRIS, R; MAGGIONI, B. *Os Evangelhos II*. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2006. p. 381.

⁹ LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do evangelho segundo João II (capítulos 5-12)*. São Paulo: Loyola, 1996b. p. 231.

¹⁰ SIMOENS, Y. *Selon Jean: 2. Une interprétation*. Bruxelles: Institut Études Théologiques, 1997. p. 378.

¹¹ KONINGS, 2005. p. 198.

De acordo com José Bortolini, aparece já no Prólogo que a luz brilha nas trevas e que as trevas não conseguem apagá-la (Jo 1,4-5). Neste sentido, Jo 9,5 é um aprofundamento do que Jesus afirmou em Jo 8,12¹². Com efeito, aparece claramente o conflito da luz com as trevas (as lideranças político-religiosas). Soma-se a isso a dura realidade vivida pela comunidade joanina no tempo em que o evangelho foi escrito¹³. Jesus mostrará com sua manifestação que a cegueira não é castigo de Deus. Percebe-se ainda que, no final do episódio, aparecerá quem são os verdadeiros responsáveis pela cegueira do povo¹⁴.

Alberto Casalegno, por sua vez, entende que Jesus orienta a atenção dos seus discípulos para o futuro, fato que derruba a reflexão focada na especulação sobre a origem do mal em algum pecado. Jesus convida os discípulos a olharem para a ação de Deus, manifestada na história por meio dele, iniciando assim o cumprimento escatológico¹⁵.

Neste aspecto, segundo Catherine Upchurch, a resposta que Jesus dá aos seus discípulos é a sua manifestação como luz do mundo colocada em prática, acompanhada de uma série de gestos. Após a execução desses gestos, Jesus sai de cena para voltar somente no fim de Jo 9¹⁶.

Nessa linha de compreensão, B. Vincent Muderhwa afirma que Jesus ao manifestar-se como luz do mundo e concretizar o dito em uma ação, ao curar o cego de nascimento, cumpre o objetivo pelo qual foi enviado. Mas, por esse motivo é rejeitado, tendo sua legitimidade questionada¹⁷.

Sendo assim, as obras de Jesus serão captadas, de acordo com Johannes Beutler, pela palavra, nas ações dele que se realizam intensamente na luz do dia. É preciso ter pressa, porque a noite se aproxima, nela não tem como continuar a atividade¹⁸.

Segundo a concepção de Cláudio Vianney Malzoni, Jesus apresenta o sentido que está para se realizar: praticar a obra daquele que o enviou, mostrando concretamente a sua identidade¹⁹.

¹² BORTOLINI, J; BAZAGLIA, P. *Como ler as cartas de João: Quem ama nasceu de Deus e conhece a Deus*. São Paulo: Paulus, 2001. p. 97.

¹³ BORTOLINI, 2008, p. 97.

¹⁴ BORTOLINI, 2008, p. 98.

¹⁵ CASALEGNO, A. *Para que contemplem a minha glória (João 17,24): Introdução à teologia do Evangelho de João*. São Paulo: Loyola, 2009. p. 290.

¹⁶ UPCHURCH, C. "I was blind and now I see" (John 9:1-41). *The Bible Today*, Collegeville, v. 50, n. 4, p. 213, Jul. 2012.

¹⁷ MUDERHWA, B. V. The blind man of John 9 as a paradigmatic figure of the disciple in the Fourth Gospel. *HTS Theologese Studies / Theological Studies*, Cape Town, v. 68, n. 1, p. 8, Dec. 2011.

¹⁸ BEUTLER, J. *Evangelho segundo João: comentário*. São Paulo: Loyola, 2015. p. 237.

¹⁹ MALZONI, C. V. *Evangelho segundo João*. São Paulo: Paulinas, 2018. p. 180.

Destarte, os autores pesquisados compartilham da mesma ideia sobre a manifestação de Jesus, sobre o porquê e como ela se concretiza na realidade. Cabe, no entanto, buscar compreender como a temática se desenvolve, como ela foi compreendida ou rejeitada, quais os desafios vividos, superados pela comunidade joanina e, por fim, qual a conclusão possível, o que fazer para superar as diversas cegueiras que as autoridades tentam impor?

Para tal efeito de compreensão, o presente trabalho atualiza o tema da cegueira em relação com a do cego de nascimento de Jo 9, procura entender a manifestação de Deus que acontece no processo da cura. Buscamos saber quem é que verdadeiramente não enxerga. Elencamos algumas cegueiras: a cegueira pastoral, evidenciando que muitos fiéis acreditam na ligação direta de pecado e castigo, conformando-se com situações que poderiam ser de outro modo; a cegueira das lideranças políticas e religiosas que, tantas vezes, não veem os irmãos em uma total situação de fragilidade; a cegueira dos moradores em situação de rua, dos imigrantes, dos desempregados, das pessoas passando fome; as cegueiras que se revelam nos feminicídios, na corrupção, na educação precária, no sucateamento da saúde pública, na segurança comprometida, na desigualdade social, no desleixo quanto ao cuidado com o planeta.

As reflexões sugerem algumas pertinentes indagações: como seguir Jesus, ver o “cego”, perceber de quem é a culpa verdadeira? Antropologicamente, o que significa ser cego? O que é preciso para ver? O que aconteceu com as autoridades judaicas que se recusaram a ver a luz? Como os leitores podem mergulhar na confissão de fé, sendo que em muitas partes do mundo isso continua um desafio, assim como o foi para os seguidores de Jesus?

2 A SEMÂNTICA DA LUZ EM JOÃO

Jesus é a luz do mundo (Jo 8,12; 9,5) que ilumina o caminho da humanidade. Cabe ao ser humano acolhê-la, segui-la. Desde o Prólogo, mas especificamente Jo 1,4-5, a luz aparece como intrínseca à vida. O evangelista João a compreende como aquela que possui um simbolismo ativo e redentor. Por “símbolo” entendemos aqui uma categoria semiótica que é maior do que a metáfora; por isso, trabalhar-se-á a palavra luz, mediante a pesquisa feita, como metáfora e, também, símbolo¹.

O símbolo remete a alguma coisa, representando-a a partir de um objeto. Já a metáfora remete a alguma coisa, representando-a a partir de uma ideia. Ou melhor, o símbolo consiste num objeto que remete a, que representa. Por objeto deve se entender um ente físico ou um gesto. Já a metáfora consiste numa ideia que, semelhantemente, remete a, representa. Por isso abordamos o tema como metáfora e como símbolo. Ambos estão relacionados com a vida e com a palavra². Tanto o símbolo quanto a metáfora podem provocar a reflexão, pois, antes de tudo, são uma ferramenta discursiva que permite transcender a realidade cósmica³ a partir do próprio cosmos. Isso é, propriamente, o efeito simbólico ou metafórico. Importa ressaltar que o transcendente remetido nesse contexto pode significar tanto uma realidade que simplesmente se difere do objeto-símbolo ou da ideia-metáfora quanto uma realidade que transcenda o cosmos como tal. Essa reflexão é pertinente quanto à pesquisa sobre a luz em João na perspectiva trabalhada (Jo 8,12; 9,5).

2.1 Semântica geral da luz nos textos joaninos

Ao adentrar a semântica da *luz* em João, destaca-se o sentido geral que possui na perspectiva de alguns autores. Para o homem oriental, a luz é vida cheia de beleza, embora tenha também conotações de mistério. Já as trevas significam morte.

No Antigo Testamento, aparece que Deus criou a luz no primeiro dia (Gn 1,3; 45,7; Br 3,33). Ela está intimamente ligada à vida das pessoas nas casas, no Templo. É um bem messiânico esperado e reverbera-se em exemplos como aqui citamos: um rei próspero é

¹ BORGONOVO, G. *La notte e il suo sole: Luce e tenebre nel libro di Giobbe, analisi simbólica*. Roma, Editrice Pontificio Instituto Biblico, 1995. p. 13.

² BORGONOVO, 1995, p. 18.

³ BORGONOVO, 1995, p. 19.

chamado de luz (2Sm 21,17), a pessoa honesta é iluminada, a lei é apresentada como luz (Sl 119,105; Br 4,2)⁴. Portanto, para o homem bíblico, a vida não pode existir sem a luz.

A luz corresponde à fonte da vida. Em algumas ocasiões, vê-la é o mesmo que ver a face de Deus (Sl 36,10)⁵. Metaforicamente, a luz pode referir-se a instrução.

No Antigo Testamento Deus é o criador da luz, ela só existe como sendo sua criatura. Ela foi emergida do caos (Gn 1,1-15), alterna-se com as trevas, também formadas por Deus, ambas cantam louvor ao criador (Sl 19,2-3; 148,3; Dn 3,71-72)⁶. A luz é um sinal que manifesta algo de Deus, é seu reflexo, evoca suas teofanias. Deus veste-se de luz, envolve-se dela (Sl 104,2). Em vários momentos ele é descrito como envolto de luz (Ex 19,18; 24,10.17; Ez 1, 3.22; Gn 15,17; Sl 18,9.15; 50,3; 139,11s; Dn 2,22)⁷.

Phôs significa luz e está em contraste com escuridão. Normalmente aparece como referência a alguma fonte de luz (sol, lua, fogo, lâmpada)⁸. Quando aparecem as expressões “filhos da luz”, “filhos do dia”, referem-se ao fato de que a verdade de Deus foi revelada às pessoas. E estas, porque vivem de acordo, justamente, com a vontade de Deus, pertencem a ele⁹.

2.1.1 Jesus, a luz que ilumina a humanidade

A luz do mundo é Jesus (Jo 8,12; 9,5). A Bíblia oferece argumentos que descrevem o simbolismo da luz, mas é de Jesus mesmo, do seu testemunho de vida, que se deve apreender o significado¹⁰.

O sentido cristológico de luz corresponde ao que vem descrito de maneira geral na Sagrada Escritura: o de iluminar o caminho do ser humano¹¹. É nesse sentido que a Lei existe, iluminando nosso caminhar. Quem anda na Palavra de Deus não é detido pelas trevas (Jo 12,35). Ser Filho de Deus significa seguir Jesus como luz (Jo 12,36).

⁴ MONLOUBOU, L; DU BUIT, F. M. *Dicionário bíblico universal*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 480.

⁵ WOLF, H. Ser luz, tornar-se luz, brilhar; no hifil, dar luz, produzir brilho. In: HARRIS, R. L; ARCHER JR, G. L; WALTKE, B. K. *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 40.

⁶ FEUILLET, A; GRELOT, P. Luz e trevas. In: LÉON-DUFOUR, X. (Org.). *Vocabulário de teologia bíblica*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 538.

⁷ FEUILLET; GRELOT, 2009, p. 539.

⁸ LOUW, J; NIDA, E. *Léxico grego-português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018. n. 14, §36.

⁹ LOUW; NIDA, 2018, n. 11, §14.

¹⁰ KONINGS, 2005. p. 390.

¹¹ KONINGS, 2005, p. 390.

O vocábulo *luz*, tanto no evangelho quanto nas cartas de João (1Jo 2,11), caracteriza-se por designar uma realidade divina. A luz em sua raiz antiga na Bíblia, é a primeira criatura de Deus (Gn 1,3; Jo 1,3-4). Ela, enquanto está no meio de nós, deve ser acolhida, pois é por sua causa que caminhamos (Jo 9,5; 12,35-36; 12,46)¹².

No Antigo Testamento, em todas as teofanias brilha a luz da glória de Deus. O Novo Testamento segue a mesma simbologia veterotestamentária¹³. A máxima expressão dessa simbologia encontra-se nos escritos joaninos; já é encontrada desde o Prólogo (Jo 1,4-5), vinculada à vida. “A luz, para João, não é meramente um componente do universo, mas contém um simbolismo que representa o que é ativo e redentor. A luz simboliza, portanto, a santidade da vida moral, a verdade, a revelação e a salvação”¹⁴. Na escuridão o ser humano torna-se cego, impossibilitado de caminhar.

A Bíblia faz a seguinte distinção: “a luz não é Deus, mas Deus é luz”¹⁵. Com isso, o aspecto realista panteísta é excluído. A perspectiva simbólica mantém a transcendência e a presença da divindade na luz, que continua sendo obra sua¹⁶. Os escritos do evangelista João devem ser compreendidos desse modo.

Nesse aspecto, a luz é compreendida como símbolo da manifestação de Deus, sua atuação na história. O Deus transcendente se expressa como luz exterior a nós, antecede-nos e nos ultrapassa. Entretanto, ele está ativo na criação, na história da humanidade, apresenta-se imanente, torna-se luz que nos envolve, nos toca e aquece. Por esse motivo, o fiel torna-se também luminoso. Um exemplo disso é o rosto de Moisés ao dialogar com Deus no Sinai (Ex 34,33-35)¹⁷. A humanidade recebe a missão de ser luz no mundo, refletindo-a (Mt 5,14.16).

Para efeito de compreensão vale notar que o vocábulo *phōs* (“luz”) aparece 33 vezes nos escritos joaninos, sendo 23 vezes no evangelho, 6 vezes nas cartas e 4 vezes no Apocalipse¹⁸. Muitas vezes, quando o termo luz aparece no Novo Testamento, seu contraste, trevas, também aparece. Isso é preponderante em João. A luz como fenômeno natural tende

¹² KONINGS, J. *João: o evangelho do amor*. São Paulo: Loyola, 2019. p. 42.

¹³ MENDONÇA, S. M. *O Cristo-luz no quarto evangelho e o tema da "luz" em Qumran: Perspectiva literária do quarto evangelho a partir da sua relação com a regra da comunidade*. 2009, 217 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. p. 147.

¹⁴ MENDONÇA, 2009, p.148.

¹⁵ RAVASI, C. G. Ano internacional da luz: Perspectiva bíblica, religiosa e cultural. (Paris, 19 de janeiro de 2015). Disponível em: <https://snpcultura.org/ano_internacional_da_luz_perspetiva_biblica_religiosa_cultural.html>. Acesso em: 14 jun. 2021.

¹⁶ RAVASI, 2015.

¹⁷ RAVASI, 2015.

¹⁸ MORGENTHALER, R. *Statistik des neutestamentlichen Wortschatzes*. Frankfurt: Gotthelf, 1958. p. 154.

para o simbolismo¹⁹. O pensamento joanino pensa Deus como luz, sem a menor possibilidade de existirem nele trevas (1Jo 1,5). Deus, por sua palavra vem ao mundo como luz (Jo 8,12), ilumina a humanidade (Jo 1,4; 3,19). Para João, a palavra incriada lidera as forças da luz. A resposta que se dá a ela oscila entre acolhê-la ou rejeitá-la, mergulhar-se em Jesus ou afastar-se dele, tornar-se filho da luz ou filho das trevas. Nesse sentido, as palavras *mundo* e *trevas* são sinônimas para os que se afastam de Jesus. Por isso, quando Jesus é morto, as trevas tornam-se mais intensas e João diz que *era noite* (Jo 13,30). Na manhã da páscoa, quando Maria Madalena foi ao túmulo (Jo 20,1), ainda estava escuro. No entanto tudo foi transformado pela ressurreição de Jesus²⁰.

Os que têm fé em Jesus começam a vencer o mundo (1Jo 5,4). Encontramos em 1Jo 2,8 que as trevas estão passando e a luz verdadeira brilha; por esse motivo os cristãos devem andar na luz, nutrindo amor uns pelos outros (1Jo 1,6-7; 2,9-10). Por fim, na Jerusalém celeste, chegará o dia em que a luz triunfará soberanamente, pois não haverá mais trevas (Ap 21,23-25)²¹.

2.1.2 Semântica da luz no Quarto Evangelho

Os humanos, sobretudo os que estão nas trevas, precisam se encontrar com Jesus, assinalado pela semântica da luz. Jesus faz um apelo para que creiam na luz, pois há equivalência entre luz e vida. A luz sempre teve e sempre terá importância, ela foi a primeira criatura que venceu o caos inicial imposto pelas trevas. A temática da luz domina Jo 9,1-41, como também aparece com muita força em todo o evangelho de João.

2.1.3. À luz do evangelho, descobre-se o verdadeiro sentido da vida

Para Léon-Dufour, o evangelho joanino, mais que um prolongamento dos sinóticos, é a descoberta de que os primeiros cristãos buscaram fazer com que o evangelho se torne luz e guia, para descobrirem o verdadeiro sentido de sua tradição²². Dessa forma, o objetivo de João é convidar os leitores a se lembrarem dos acontecimentos questionando-se, por meio da vida presente, sobre Jesus. O texto proporciona o encontro com Jesus, luz da humanidade.

¹⁹ BROWN, 2020, p. 818.

²⁰ BROWN, 2020, p. 819.

²¹ BROWN, 2020, p. 819.

²² LÉON-DUFOUR, 1972, p. 141-142.

2.1.4 Jesus é a luz do mundo que ilumina os homens que estão nas trevas

Schnackenburg ratifica a afirmação joanina de que Jesus é a luz do mundo, que há de iluminar os homens prisioneiros nas trevas (Jo 1,9; 12,46) e lhes oferece a luz da vida (Jo 8,12)²³. Segundo ele, ao mesmo tempo que continua Jo 7–8, Jo 9 forma uma unidade autônoma. O acontecimento de Jo 7–8 termina na ameaça feita a Jesus, no Templo. Em Jo 9,1, Jesus aparece fora do recinto do templo. A temática de *Jesus, a luz do mundo* é o fio pelo qual a cura do cego de nascença, que vai de Jo 9,5 a Jo 9,39, conectando-se com a revelação expressa em Jo 8,12. Abre-se, entre Jesus e os judeus, um abismo que aumenta gradativamente, sobretudo, a partir de Jo 8,13. A incredulidade deles os faz cegos (Jo 9,39-41), está em contraste com o cego curado, que se abre a Deus, por isso alcança a fé em Jesus (Jo 9,36-38)²⁴. Ademais, fala-se em discipulado de Jesus (Jo 9,27). Eles querem saber quem Jesus é (Jo 9,29-30.33), sendo que, no assunto dos dois capítulos anteriores (Jo 7,28-29; 8,14), aparece a pergunta sobre a identidade do Filho do Homem, quem ele é (Jo 9,36).

2.1.5 O último apelo de Jesus para que creiam na luz

Para explicar a presença de Deus junto aos homens, São Paulo utiliza a analogia da imagem de Deus (Cl 1,15), afirmando que os homens são imagens dele (Gn 1,27)²⁵. São João, entretanto, não usa essa imagem e sim o tema da vida com a simbologia da luz²⁶. Ele deixa claro que o Logos-luz é soberano sobre as trevas, não obstante anuncie primeiro a vida e depois a luz. De acordo com a tradição bíblica, somente Deus é absolutamente vivo, é o Vivente de modo pleno (Sl 36,10). Todo existente depende dele; sem ele só existe a morte²⁷. Desta maneira, o homem para continuar vivo tem que permanecer ligado à sua fonte que é Deus, dialogar com o seu criador, fonte de toda vida. Também o Filho de Deus dispõe dessa vida (Jo 5,26).

Com a entrada do pecado no mundo, houve o fortalecimento das trevas. Por esse motivo, espera-se que os homens escolham a luz. Só que muitos preferem as trevas, pois a luz revela o comportamento dos que nela se encontram²⁸. Enfim, apesar de o conflito continuar, o triunfo da luz é garantido. É isso que dá sentido à existência humana.

²³ SCHNACKENBURG, 1980, p. 300.

²⁴ SCHNACKENBURG, 1980, p. 300.

²⁵ LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do evangelho segundo João I (capítulos 1-4)*: Palavra de Deus: São Paulo, Loyola, 1996a. p. 69.

²⁶ LÉON-DUFOUR, 1996a, p. 69.

²⁷ LÉON-DUFOUR, 1996a, p. 71.

²⁸ LÉON-DUFOUR, 1996a, p. 75.

Em Jo 3,18, é dito que o crente não é julgado, mas o não crente sim, por causa de sua não-fé, por não acreditar no unigênito de Deus²⁹. Compete ao leitor a responsabilidade de decidir. Desde o Prólogo fica nítido que as trevas são oposição à luz. De modo generalizado, João conduz o leitor a concluir que “o mundo” (*os homens*) não conheceu a luz (Jo 1,10). Dado o exposto, surge a indagação: por que isso aconteceu? Primeiro, porque, com a vinda da luz, os homens optaram pelas trevas, uma vez que suas ações eram más; segundo, porque os atores da cena que optaram pelas ações más detestam a luz porque têm medo de que ela mostre quem eles são³⁰.

No entanto, quem age na verdade, aproxima-se de Deus, apresenta suas obras sem medo. Desde a criação, o homem é convidado a viver na luz. Nisso consiste sua realização. Para isso é preciso abrir-se ao Filho de Deus³¹.

A situação do novo crente, de acordo com Jo 8,12, é simbolizada nos sinais que aparecem no capítulo 5, quando o enfermo anda. A partir daí, na reflexão da narrativa joanina, o cego de nascimento vê e Lázaro vive. Os capítulos 7 e 8, que devem ser lidos de forma concomitante, estão unidos pelo tempo (festa das Tendras), pelo lugar (Templo) e pela ação (Jesus ensina)³². Eles são perpassados pela pergunta sobre *quem é Jesus*, feita pelos judeus, culminam no *Eu Sou* (Jo 8,58). Esse é o motivo de quererem apedrejar Jesus, o porquê de ele deixar o Templo (Jo 8,59).

Contudo, diferenças são percebidas nas duas situações: se por um lado em Jo 5 a simbologia da vida não é manifestada no discurso, por outro lado, a simbólica da luz é a base do diálogo de Jesus com os discípulos. Posteriormente, o cego volta enxergando. Essa reflexão reaparecerá em Jo 9,39-41. Além disso, o ex-cego de nascença torna-se uma testemunha verdadeira de Jesus frente aos fariseus³³. E, quando Jesus se lhe revela como Filho do Homem, ele entrega sua fé por completo³⁴. Portanto, ele, o cego de nascença, posteriormente curado, é ativo o tempo todo.

Jesus faz o último apelo para que creiam na luz (Jo 12,34-36). Ele está diante de uma multidão que quer conhecê-lo, quer apreciar suas falas sobre a Lei. O contexto é o da entrada em Jerusalém. Nota-se que os anúncios sobre Jesus diferem daquilo que a multidão sabe. Por

²⁹ LÉON-DUFOUR, 1996a, p. 240.

³⁰ LÉON-DUFOUR, 1996a, p. 240.

³¹ LÉON-DUFOUR, 1996a, p. 245.

³² LÉON-DUFOUR, 1996b, p. 146.

³³ LÉON-DUFOUR, 1996b, p. 227-228.

³⁴ LÉON-DUFOUR, 1996b, p. 228.

isso, a resposta de Jesus vai em direção à luz, ou seja, à crença nele³⁵. O Filho do Homem vai sofrer, morrer. Contudo, segundo a opinião comum, o Rei-Messias esperado pelo povo e o seu reino não teriam fim, seria a implantação definitiva da justiça, da felicidade. Inclusive, no tempo do evangelista havia controvérsias entre judeus e cristãos sobre a imagem do Rei-Messias. Destarte, o Cristo joanino permanece na glória além da morte. A promessa de Deus, juntamente com a realização da glória dão-se na cruz³⁶. Daí em diante, para fazer a experiência da luz, é preciso confiar. A opção será entre luz e trevas. Nas trevas, reina a ignorância, mas, na luz, quem a acolhe torna-se iluminado, participa dela (Jo 9,4; 11,9).

Em Jo 12,46-48, a luz é retomada e apresenta Jesus como o revelador do Pai³⁷. Jesus, ao encarnar-se, identifica-se com a luz, eco encontrado no Prólogo (Jo 1,9). As trevas privam o homem de viver. Uma vez que a missão de Jesus é a libertação, a luz comunica-se por meio de suas palavras, haja vista que sua missão não é a de pronunciar o julgamento, condenar, mas salvar o mundo (Jo 3,17). O julgamento é reservado para o último dia, ultrapassa o tempo presente.

2.1.6 Luz e vida como termos equivalentes

No dizer de Dodd, é aqui, na história, que a *alētheia*, a realidade absoluta enquanto revelada deve ser encontrada³⁸. O conhecimento de Deus significa comunhão com ele, habitação nele. Na linguagem helenística, *luz* e *vida* são termos equivalentes. No Quarto Evangelho, isso dá-se do mesmo modo. Para o evangelista João, a vida de Deus é acessível aos homens nessa realidade. “Aquele que antes era cego e mendigo comparece perante seus superiores, para ser intimado a negar a única coisa da qual ele tem certeza”³⁹. Passa-se da linguagem considerada comum no misticismo ao conhecimento de Deus, união que não é metafísica, êxtase místico, visão suprassensível do absoluto. O conhecimento acontece pela manifestação histórica do Logos. Assim, é na história que a verdade deve ser encontrada. O encontro pessoal com Jesus Cristo como sendo revelação do Deus eterno é o caminho para ver Deus⁴⁰.

Do conceito *vida*, passa-se ao conceito irmão *luz*. Para isso, deve-se analisar o termo grego *phôs* (*luz*) como sendo simbólico do absoluto, muitas vezes, em contraste com a *skotos*

³⁵ LÉON-DUFOUR, 1996b, p. 335.

³⁶ LÉON-DUFOUR, 1996b, p. 336.

³⁷ LÉON-DUFOUR, 1996, p. 345.

³⁸ DODD, 2003, p. 269.

³⁹ DODD, 2003, p. 463.

⁴⁰ DODD, 2003, p. 269.

(*trevas, cegueira*) do erro. A antítese *luz e trevas* é corrente nas religiões. No tempo de João, era muito explorada no zoroastrismo persa. Ao que tudo indica, *luz* parece ser um símbolo natural atribuído à divindade. No mundo antigo, o culto ao Sol era muito forte. Simbolizava a ideia do Bem, que se identificava com o Deus supremo⁴¹. Acreditava-se que a comunicação da luz se dava por irradiação. Dessa maneira, Deus é a luz que se difunde por irradiação, é apreendida no mundo do fenômeno. Eis a razão da luz como fonte de vida para aquele que a busca pelo conhecimento e dela participa. No Antigo Testamento, o povo procura a felicidade última, a salvação que é um dom de Deus. Logo, Deus torna-se luz do seu povo. Para o salmista (Sl 36,10), isto era acessível à realidade, não havia conotações metafísicas⁴².

Em 1Jo 1,5, tem-se a expressão *Deus é luz*. Entretanto, parece que, no evangelho, o autor procura evitar o termo simples, não adjetivado. Ele opta por *a luz verdadeira* (Jo 1,9). Essa luz-referência estava no Logos⁴³. O Pai, do qual o Logos é o Filho, é anterior a todo modelo. Quando no Prólogo 1,5-10 está dito “luz verdadeira”, aprende-se que a luz por excelência brilhou nas trevas, assumiu este mundo, resistiu às trevas. Todavia, por um lado, a maior parte da humanidade não está ciente dessa luz. Por outro lado, os que acolhem a luz, uma minoria, conhecem Deus e fazem parte de sua vida. O evangelho de João não está preocupado com a doutrina da luz exemplar, mas com a sua manifestação ao mundo, ao ser humano. Em Jesus, vemos a luz, pois Ele é a luz, a verdade, assim como é vida. Portanto, a luz que vem ao mundo é Jesus inserido na história, tornando-se para os seus *a luz do mundo* (Jo 8,12; 9,5)⁴⁴.

Da conversa com Nicodemos, o discurso assume características de monólogo (Jo 3,11), desenvolvido com os conceitos do Prólogo. O Filho do Pai é o portador da vida e da luz, tornou-se carne, revelou o Pai, desceu do céu para trazer *vida e luz para o mundo* (Jo 3,11-21)⁴⁵. É nesse sentido que se entende o que significa renascimento. A descida do Homem celestial e sua subida ao céu permitem aos homens receberem a vida eterna, subindo à esfera do Espírito, renascendo. Isso é possível para quem crê no Filho e, conseqüentemente, acolhe o Logos.

Com efeito, em Jo 3,17-21, a compreensão da ideia de vida sofre uma modificação para a temática da luz, não desconsiderando que o Logos é a união da vida e da luz⁴⁶. Na

⁴¹ DODD, 2003, p. 270.

⁴² DODD, 2003, p. 271.

⁴³ DODD, 2003, p. 272.

⁴⁴ DODD, 2003, p. 273.

⁴⁵ DODD, 2003, p. 399.

⁴⁶ DODD, 2003, p. 402.

trajetória do renascimento que almeja a vida eterna, acontece também a vinda da luz, ela que por si mesma julga. E o julgamento acontece no modo como os homens, nesse processo, submetem-se, a si próprios, pela resposta que dão ao Cristo. Alguns, claramente, preferem as trevas à luz, condenam-se a si mesmos. Isso acontece por causa da vinda de Cristo ao mundo, mas, ele não veio para julga, e sim para dar a vida.

Sendo assim, a ideia de renascimento, como início de um caminho para a vida eterna, passou a ser uma espécie de programa de Cristo, prefigurando ideias que ressurgirão, de maneira mais completa, à medida que sua obra for progredindo, sobretudo quando o Filho do Homem for elevado e, assim, manifestado o amor de Deus pelo mundo, quando se derem conta da luz, da possibilidade do julgamento⁴⁷.

Também merece destaque a iluminação na Festa dos Tabernáculos, quando o Pátio das Mulheres, no Templo, ficava tão luminoso que toda a cidade de Jerusalém ficava iluminada⁴⁸. É nessa festa que Jesus afirma ser a Luz do mundo, haja vista que, quem o segue não anda nas trevas, mas tem a luz da vida.

Para o evangelista, Jesus manifesta-se na Festa dos Tabernáculos como o Messias na cidade de Jerusalém. Mais: Jesus supera as expectativas messiânicas ao apresentar-se como fonte de água viva e como luz do mundo, por último, pronunciar o *Eu sou* demonstrando sua unidade com o Pai⁴⁹.

O Quarto Evangelho evidencia que Jesus veio para os seus. Entretanto, os seus não o acolheram; a consequência disso é seu afastamento de Israel. O evangelista compreende que, conforme a doutrina do cristianismo primitivo, Israel estava acometido de cegueira; isso é destacado no epílogo do Livro dos Sinais (Jo 12,37-41)⁵⁰. O tema dominante que dá unidade ao discurso e à narração é o da “manifestação ou rejeição do Logos como vida e luz”⁵¹.

Por isso, aparece nos capítulos 7 e 8 o tema do julgamento (Jo 7,24; 8,15-16.25.50), retomado do capítulo 5. Similarmente, em Jo 3,17-21, está o fundamento de que Cristo veio dar vida e luz aos seus; não veio para julgar; porém, sua presença como luz faz com que as pessoas julguem a si mesmas por suas atitudes. Nesse sentido, o julgamento é um processo que separa, ou discrimina: segundo o evangelista, a presença de Cristo ou suas palavras dividem os ouvintes. Assim, muitos acreditaram nele, porém os fariseus continuaram reticentes (Jo 7,31-32). Verifica-se que, nos capítulos 2–12, acontece uma história que

⁴⁷ DODD. 2003, p. 402.

⁴⁸ DODD. 2003, p. 453.

⁴⁹ DODD, 2013, p. 455.

⁵⁰ DODD, 2013, p. 456.

⁵¹ DODD, 2013, p. 457.

seleciona, separa e prepara o surgimento. Nos capítulos 13–17, tem-se um pequeno grupo de homens que se tornaram puros pela palavra de Cristo e seguiram unidos a ele⁵².

Em Jo 9, temos a narração da cura de um cego em Siloé. O diálogo dá-se de forma jurídica entre duas partes que são intrínsecas, que unidas formam a narração e o discurso⁵⁴. Contudo, surge uma dúvida sobre o lugar onde o episódio é encerrado. Muitos acreditam que os capítulos 9 e 10 formam um episódio só⁵⁵. Anteriormente, os capítulos 7 e 8 mostram Jesus manifestando-se ao mundo como vida e luz, contudo é rejeitado.

Esta parte está profundamente relacionada ao Prólogo, compondo o livro dos sinais, mais especificamente, a parte central. Antes já foram abordados aspectos da vida como renascimento, água viva, pão da vida. O que predomina, a partir de agora, é a abordagem sobre a luz. A expressão “Eu sou a luz do mundo” faz a conexão entre Jo 8,12 e Jo 9,5⁵⁶. A cura do cego é concebida como um sinal, a vitória da luz sobre as trevas. É a “luz verdadeira” mencionada no Prólogo.

2.1.7 Jesus, a luz que brilha nas trevas

De acordo com Konings, o evangelho escrito por João configura-se por ser o texto de ontem e, ao mesmo tempo, de hoje. A vida de Jesus com seus discípulos nos anos 30 confunde-se com a vida da comunidade nos anos 90⁵⁷, e é atualizada na comunidade hoje. Dessa maneira, o Prólogo não tem o objetivo de contar a história de Deus, porém de anunciar os seus feitos, o modo como se manifesta em Jesus, identificado como a Palavra (Logos). Assim, de que modo João pode atribuir a Jesus o predicado de Deus? A audácia consiste exatamente nisto, será motivo de reflexão em todo o Evangelho: como Jesus pode receber o predicado Deus. Por essa Palavra, tudo passou a existir. “A primeira coisa que Deus, pela Palavra, chama à existência é a luz. Deus disse: ‘Que a luz seja’, veio a ser a luz que vence as trevas do caos inicial (Gn 1,1-3)”⁵⁸. João cria um paralelismo literário entre 1,5 e 12,35 para mostrar a importância da luz que brilha nas trevas (Gn 1,2-3). Ela não pode ser dominada, presa. Conduziu o povo pelo deserto ao sair do Egito (Sb 17,1–18,4)⁵⁹. Assim, Jesus cumpre sua missão como luz do mundo (Jo 8,12; 9,5), orienta os seus a não serem dominados pelas

⁵² DODD, 2003, p. 458.

⁵⁴ DODD, 2003, p. 459-460.

⁵⁵ DODD, 2003, p. 462.

⁵⁶ DODD, 2003, p. 463.

⁵⁷ KONINGS, 2005, p. 44.

⁵⁸ KONINGS, 2005, p. 77.

⁵⁹ KONINGS, 2005, p. 78.

trevas. Sendo assim, fica claro que João Batista não era a luz, mas veio dar testemunho sobre ela (Jo 1,6-8.15). A temática da luz (Jo 1,5), que foi interrompida por 1,6-8, é retomada em 1,9, falando da luz verdadeira que vem a este mundo para iluminar a todos, mas o mundo não a conheceu (Jo 1,10). Continuando, a luz veio para o que era seu, mas não foi acolhida (Jo 1,11). Ou seja, o povo eleito (Israel) não a acolheu, não compreendeu, não se converteu à pregação do Batista. Portanto, a situação é muito crítica⁶⁰.

O foco do Prólogo é a prática de Jesus até o fim na carne. Como se diz, “o presépio e a cruz são da mesma madeira!”⁶¹: Jesus amou os seus, por isso assumiu a carne humana, doou-se. É justamente isso que o Evangelho vai contar. Vê-se como uma situação derradeira de morte torna-se vida, como a Palavra é vida. Não se pode perder de vista que a glória, isto é, o brilho da luz, só tem sentido se for vista em conjunto com o paradoxo da encarnação. Em síntese, carne e glória são inseparáveis. Jesus ama fielmente até o fim (Jo 13,1). Nisso ele revela que o amor do Pai também é assim, pois Ele reflete o Pai, é íntimo do Pai.

É nesse sentido que Jo 9 é composto por um dos sinais (Jo 9,16), para além da simbologia da vitória da luz em relação às trevas (Jo 9,3-5). O capítulo contribui com a catequese mistagógica que prefigura o Batismo e continua após a sua concretização. Ainda apresenta, na linguagem apologética dos diálogos, como deve se comportar o novo membro da comunidade, seguidor de Jesus, em situação de perseguição.

No Antigo Testamento, não existem relatos de curas de cegos. Já na tradição sinótica, encontramos a cura de cegos (Mt 9,27-31; Mc 10,46-52; Lc 18,35-43)⁶², contudo, nunca de um cego de nascença. Enfim, depois da cura do cego de nascença, contada de modo conciso em João, a narrativa expressa o episódio dramático do tema luz-cegueira no seio da comunidade cristã. Com isso, conforme a história se desenvolve a partir da cura acontecida, aprofunda-se a discussão sobre o modo como o cego chegou a ver (Jo 9,11.17.33.37) e a cegueira dos judeus (Jo 9,9.18-19.24.34)⁶³. Tanto é que, nos versículos finais do capítulo, temos uma oposição ao sinal realizado. Destaca-se a fé do cego e a não-fé dos que pretendem que veem.

A composição desse capítulo é apreciável, levando a crer que ela deixa-se guiar pelo número 7. A expressão abrir os olhos aparece 7 vezes, bem como os 7 modos pelos quais Jesus é nomeado. Ele quer realizar suas obras enquanto está no mundo, identifica-se como a

⁶⁰ KONINGS, 2005, p. 79.

⁶¹ KONINGS, 2005, p. 80.

⁶² KONINGS, 2005, p. 196.

⁶³ KONINGS, 2005, p. 196-197.

luz do mundo, é isso que vai mostrar (Jo 9,5)⁶⁴. Após anunciar o enaltecimento do Filho do Homem, Jesus convida a caminhar na luz (Jo 12,34-36).

Nesse sentido a pessoa realiza um autojulgamento (Jo 12,44-50), isto é, “a função de Filho do Homem-juiz é exercida por Jesus à maneira da luz: ele não julga, mas à sua luz a pessoa se julga a si mesma”⁶⁵. A luz, em João, ilumina o caminho, motiva a pessoa a escutar, praticar o que aprendeu. Assim, não obstante o fato de Jesus não ter vindo para condenar o mundo e sim salvá-lo, a condenação acontece porque os adversários se autocondenam⁶⁶.

2.1.8 A luz como temática dominante

Em Jo 1,4-5, o autor pensa a história da humanidade. Além de indicar a função do Logos, indica também o que ele vai encontrar. Aparecem dois símbolos importantes para João: vida e luz⁶⁷. Toda realidade humana possui essas duas características. O termo *vida* se refere à vida que se alcança em Cristo. A história encontra seu sentido no Logos, pois dele veio e nele se realizará, isto é, alcançará salvação. O Logos é a *luz dos homens* (Jo 1,4), nele encontramos o sentido de toda existência humana. A luz é salvação, porém, pode tornar-se condenação, julgamento.

A história está cheia de contradições, não bastando apenas dizer que o Logos é a luz dos homens, pois as trevas tornam-se um obstáculo para a manifestação de Deus. João diz que a luz brilha nas trevas: o verbo está no presente, isso significa que a ação da luz é permanente, brilha sempre e em todos os lugares. O evangelista João, com visão otimista, evidencia que a luz sempre vencerá as trevas.

Nestes dois versículos, três aspectos chamam a atenção. Primeiro: a afirmação de que o Logos é de origem divina, veio do Pai e para ele voltará, sendo esse é o motivo pelo qual o testemunho de Jesus é verdadeiro; segundo: o Filho do homem se entrega pelo mundo, assume a cruz e atrai todos a si na cruz; terceiro: a razão da universalidade do Logos e o dom da salvação consistem na história do Logos, é nele que a história encontra sua origem e perspectiva⁶⁸. João é um evangelista da esperança, acredita que a manifestação do Logos, luz e vida, perpassa toda a existência humana. Jo 8, a começar pela perícopa Jo 8,12-20, possui

⁶⁴ KONINGS, 2005, p. 198.

⁶⁵ KONINGS, 2005, p. 243.

⁶⁶ KONINGS, 2005, p. 248.

⁶⁷ MAGGIONI, 2006, p. 281.

⁶⁸ MAGGIONI, 2006, p. 281.

muitos temas que o ligam a Jo 7 e, de modo indireto, a Jo 5⁷⁰. Porém, aparece um elemento como novidade: não se ouve mais falar na multidão, só se fala nos fariseus (Jo 8,3) e nos judeus (Jo 8, 31.48.52.57). Outro destaque é Jo 8,12, porque a expressão *Eu sou a luz* não aparece mais neste capítulo, mas é compreendida como um título para toda a passagem.

A expressão é clara para os ouvintes de João, suscita reação, faz o debate acontecer. Sobre a expressão dita por Jesus, os fariseus reclamam que não é verdadeira, ao que Jesus replica dizendo que seu testemunho é válido, pois sabe de onde veio e está em conformidade com Deus. Por isso a pergunta dos judeus sobre onde está o Pai de Jesus prova que não conseguem ver Deus presente em suas vidas, muito menos na vida de Jesus. Em resumo, a perícopé destaca três pontos essenciais: “o sentido da revelação de Jesus (Eu sou a luz), a validade de seu testemunho e a incompreensão dos fariseus”⁷¹.

Em Jo 8,12 Jesus revela seu caráter soteriológico: a revelação é a respeito de si, o que ela significa tem sentido para nós; ao acolher essa revelação “o homem é subtraído às trevas e reencontra o caminho da vida”⁷². O motivo pelo qual a luz aparece encontra-se nos doze primeiros capítulos do evangelho escrito por João sendo que a referência é sempre a Cristo em sua dimensão histórica. Ela mostra a função, o modo de ser do Logos encarnado. É, na sua humanidade, na sua história, que Jesus é luz e se revela. Provavelmente seja esse o motivo pelo qual Jesus não é chamado apenas de *luz*, mas sim *luz dos homens* ou, nesta perícopé, *luz do mundo*.

Sendo assim, a luz é uma realidade aberta para o ser humano, atinge a todos. Ela não é, como na concepção gnóstica, luz somente para alguns, para os iluminados. Jesus é a luz do mundo porque mostra a realidade de Deus. “Ele não é a luz mesma, mas a transparência do Pai: é esta plena fidelidade à sua origem que o torna luz de Deus no meio de nós”⁷³. Com sua humanidade, inserida na história, Jesus faz com que o distanciamento entre o homem e a invisibilidade de Deus seja superado. Deus aproxima-se de nós, torna-se luz para todos: esse é o único modo de ver; as promessas do Antigo Testamento cumprem-se nele.

Os judeus contestam que o testemunho de Jesus seja válido, alegando que se gloria a si mesmo; no entanto, o testemunho de Jesus é verídico, porque sabe de onde veio e para onde vai, pois ele é consciente, obediente, fiel ao Pai. Seu testemunho, torna presente o Pai⁷⁴. Com sua vida e sua palavra, revela Deus, torna-o presente. Esse argumento está no centro do

⁷⁰ MAGGIONI, 2006, p. 363.

⁷¹ MAGGIONI, 2006, p. 364.

⁷² MAGGIONI, 2006, p. 365.

⁷³ MAGGIONI, 2006, p. 365.

⁷⁴ MAGGIONI, 2006, p. 366.

discurso. Tudo o que Jesus faz é porque está unido ao Pai. Entretanto, é justamente nisso que difere dos fariseus, que estão separados, distantes de Deus, incapazes de conhecê-lo.

A luz é o tema dominante em Jo 9,1-41. Jesus é o Salvador que, ao manifestar-se, emite um julgamento. O capítulo 9 tem como aspecto dominante a temática da luz, uma vez que se vincula ao grande e complexo discurso de Jo 7-8⁷⁵ no qual o tema da vida está presente; a frase central que liga diretamente ao capítulo anterior é: *Eu sou a luz do mundo* (Jo 8,12; 9,5), mesmo Jesus tendo sido rejeitado. Percebem-se ecos do Prólogo. Nos episódios anteriores, o tema da vida aparece com muita força (nascimento, água da vida, pão da vida)⁷⁶. É com essa força que Jo 9,5 se relaciona diretamente com Jo 8,12: “Eu sou a luz do mundo”. A cura do cego torna-se o triunfo da luz (Jo 1,5). Cristo luz e Cristo vida integram-se pela simbologia da água, isto é, ele salva. E na manifestação de Cristo aparece o julgamento, a luz assume o papel de julgar (Jo 3,19-21), ou melhor, diante da luz cada um se julga a si mesmo. Pode-se ainda fazer uma ligação entre o milagre do cego e a cura do paralisado (Jo 5). Nos dois casos há uma piscina por perto e discussão com os judeus. Jesus aparece como vida na cura do paralisado, como luz na cura do cego. Pode-se ver uma prefiguração do Batismo na cura da cegueira, pois os termos *iluminar* e *iluminação*, na Igreja primitiva, muitas vezes significavam o Batismo (Hb 6,4; 10,32; Ef 5,14)⁷⁷.

Em Jo 9, Jesus não está muito preocupado com a pergunta pela causa do sofrimento do cego, pois se interessa pelo que o cego recebe mediante os planos de Deus, ou seja, “Jesus se interessa pelo para quê, não pelo porquê”⁷⁸. Importa-se em realizar a cura do cego, esse milagre é capaz de revelá-lo como luz do mundo. Ele age com pressa, não perde tempo, a noite se aproxima. Por isso é preciso caminhar na luz, enquanto se tem fé e tornar-se filho da luz (Jo 12,35-36)⁷⁹.

⁷⁵ Para Mateos e Barreto, a seção de Jo 9 não tem ligação nenhuma com as festas que acontecem anualmente e nem é situada em lugar determinado. Como esses autores tem opiniões divergentes dos demais autores trabalhados nesta dissertação, optamos por não utilizá-los no presente momento (MATEOS, J; BARRETO, J. *O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegético*. 2.ed. São Paulo: Paulus, 1999.). A ligação com a Festa das Tendões é acentuada fortemente por Beutler.

⁷⁶ MAGGIONI, 2006, p. 378.

⁷⁷ MAGGIONI, 2006, p. 378.

⁷⁸ MAGGIONI, 2006, p. 381.

⁷⁹ MAGGIONI, 2006, p. 402.

2.2 O “sinal” da luz em Jo 9

2.2.1 Crítica à teologia da culpa e da retribuição

O capítulo 9 do evangelho joanino é formado por um relato no qual se conta que Jesus abriu os olhos de um cego de nascimento. É o único tema tratado nesse capítulo. A cura aconteceu por iniciativa de Jesus, concretizou-se no reservatório de água chamado Siloé. Houve, porém, um problema: o dia que isso aconteceu era um sábado (Jo 9,14)⁸⁰, dando origem a uma discussão com os fariseus.

Em Jo 9,1-7, aparece a teologia da retribuição, ensinando que a culpa pode ser hereditária, pois os discípulos querem saber se a culpa é do homem cego ou dos seus pais para que tenha nascido assim.

Essa teologia, expressa no Decálogo (Ex 20,5), foi criticada por Jeremias (Jr 31,29-30) e Ezequiel (Ez 18,1-4). Porém, com a pergunta dos discípulos, percebe-se que a crítica não havia sido assimilada pelas pessoas, tanto que Jesus refuta essa concepção (Jo 9,3)⁸¹. Nessa conversa Jesus mostra o plano que está por realizar, que é obra daquele que o enviou, demonstrando que ele, Jesus, é a luz do mundo (Jo 9,4-5). A prova disso é que abre os olhos ao cego de nascimento.

2.2.2 O homem que estava na escuridão foi conduzido a enxergar a luz

No Prólogo (Jo 1,4), ainda na semântica narrativa da criação, o que passou a existir “na Palavra criadora de Deus era o dom da vida eterna”⁸². Essa vida era luz da humanidade que está intimamente relacionada com a árvore do conhecimento do bem e do mal que, se o homem passasse por essa prova, seria possuidor da vida e da luz eternas⁸³. Continuando, Jo 1,5 mostra que houve uma tentativa das trevas de vencer a luz, ou seja, aconteceu a queda do homem, contudo, mesmo nessa queda o homem recebeu um raio de esperança: a semente que nasceria da mulher, que para o Novo Testamento seria Jesus, venceria Satanás⁸⁴.

Jesus é a luz que resplandece nas trevas, atrai os homens a irem a si e os conduz a Deus (Jo 3,19-21). Sua presença no mundo é um julgamento, pois obriga os homens a se

⁸⁰ MALZONI, 2018, p. 176-177.

⁸¹ MALZONI 2018, p. 180.

⁸² BROWN, 2020, p. 202.

⁸³ BROWN, 2020, p. 202.

⁸⁴ BROWN, 2020, p. 202-203.

decidirem a favor ou contra ele⁸⁵. O precursor de Jesus, João Batista, já anunciava a chegada da luz, daquele que seria o enviado de Deus (Jo 5,35).

O capítulo 8 é bastante complexo, possui um discurso longo, devido ao tema da luz, parece encaixar-se bem no contexto da festa das Tendias, sem contar que o capítulo 7 começa com Jesus subindo às escondidas para a festa e o capítulo 8 encerra-se com Jesus ocultando-se, de modo que os capítulos 7 e 8 constituem uma unidade estrutural. O capítulo 8 pode ser dividido em três assuntos: luz (Jo 8,12); Jesus que testemunha sobre si mesmo (Jo 8,13-14.17-18); o julgamento de Jesus sobre as pessoas (Jo 8,14-16.19-20)⁸⁶.

O capítulo 8 tem paralelos no capítulo 7: Jo 7,27-28; Jo 8,14 (de onde Jesus veio); Jo 7,24 e Jo 8,15 (julgamento conforme a carne); Jo 7,28 e Jo 8,19 (conhecer Jesus, o enviado); Jo 7,30 e Jo 8,20 (não conseguiram prender Jesus, sua hora não havia chegado).

Em Jo 8,12, Jesus proclama solenemente que ele é a luz do mundo, sendo que em Jo 7,37-38 ele havia se proclamado como fonte de água viva; as duas proclamações parecem inspiradas na festa dos Tabernáculos⁸⁷. Se antes Jesus falou da água viva (como, no capítulo 6, do pão da vida), agora ele fala da luz que dá vida, ambas simbologias apontam para a mesma coisa: sua revelação.

A metáfora da luz é usada também nos sinóticos, descrevendo a revelação e os ensinamentos que Jesus traz ao mundo (Lc 8,16; 11,33; Mc 4,21). Salienta-se, em Jo 1,5, que Deus é luz, não se mistura com as trevas. Por meio dessa luz a vida entrou no mundo (Jo 1,4-5; 3,19), os que nele crerem não continuam nas trevas (Jo 12,46). “Brilhando nele como revelador encarnado, a luz de Deus irradia a existência humana dando ao homem conhecimento do propósito e significado da vida”⁸⁸. Desta maneira, a presença de Jesus leva os homens a emitirem um julgamento sobre si mesmos, mesmo que ele não tenha vindo para julgar, mas a própria presença dele provoca julgamento⁸⁹. Todavia, quando Jesus julga, seu julgamento é válido, sugere uma aceitação por parte do Pai.

Depois de dois capítulos longos e complexos (7-8), o capítulo 9 aparece como um intervalo bastante agradável⁹⁰. Pode-se pensar que o cenário do referido capítulo se passa no tempo da festa dos Tabernáculos, contudo poderia ser situado em outras visitas feitas por Jesus a Jerusalém, situação análoga ao capítulo 3. Não obstante, o cenário mais apropriado

⁸⁵ BROWN, 2020, p. 355.

⁸⁶ BROWN, 2020, p. 603.

⁸⁷ BROWN, 2020, p. 604.

⁸⁸ BROWN, 2020, p. 605.

⁸⁹ BROWN, 2020, p. 606.

⁹⁰ BROWN, 2020, p. 648.

parece ser, realmente, o da festa dos Tabernáculos, uma vez que Jo 9,7, mencionando o tanque de Siloé, tem muita relação com Jo 7,37-38 e Jo 9,4-5 e também, muita proximidade com a manifestação de Jesus em Jo 8,12. Entretanto, não é possível fazer uma conexão *imediate* do capítulo 9 com o que foi falado no capítulo 8⁹¹.

O evangelista mostra Jesus referindo-se ao sinal como exemplo de luz que adentra as trevas, isto é, o homem que estava na escuridão foi conduzido a enxergar a luz, física e espiritualmente; em sentido contrário, os que acreditavam ver (os fariseus) apresentaram-se cegos para a luz e se precipitaram nas trevas⁹². O relato começa e termina abordando a cegueira, no primeiro caso havia um homem cego de nascença, no segundo caso os fariseus se tornaram espiritualmente cegos. João não demora no milagre, mas fala dele rapidamente, porque sua intenção é aprofundar as perguntas sobre quem é Jesus (Jo 9,11.17.33.37). Com isso, o conhecimento se torna aprofundado.

Com efeito, acontece uma trajetória de abertura por parte do que era cego e de fechamento por parte dos judeus (Jo 9,16.17.27.29.34.39.41). Numa dupla inversão, passa-se do não saber ao saber (Jo 9,12.25.26) e do saber ao não saber (Jo 9,16.24.29). Neste sentido, o cego emerge nas páginas joaninas como figura atraente e brilhante.

A tradição sobre Jesus curando cegos é bem viva nos sinóticos. Seguramente, “tal cura não tem um pano de fundo nos milagres veterotestamentários, todavia a descrição do (espiritualmente) cego, tendo seus olhos (figuradamente) abertos, era parte do quadro dos profetas dos tempos ideais ou messiânicos (Is 29,28; 35,5; 42,7)”⁹³. João, certamente, não apresenta uma junção de detalhes colhidos dos sinóticos. Os detalhes joaninos da cura são diferentes: o cego é de nascença, faz-se lodo, a cura se dá por meio da água da piscina de Siloé, acontecem interrogatórios sobre a cura e os pais são interrogados⁹⁴. Infere-se que esses detalhes joaninos têm objetivo pedagógico. Enfim, acredita-se que há por detrás do capítulo 9 uma história primitiva sobre a cura que a tradição joanina, somente ela, preservou e o evangelista viu nessa história excelente exemplo para instruir seus leitores, fortalecê-los na crença de que Jesus é o Messias⁹⁵.

Em Jo 12,35-36 em vez de falar sobre o Filho do Homem ou sobre o Messias, Jesus fala de sua permanência como luz, pois é preciso andar na luz para não ser tragado pelas

⁹¹ BROWN, 2020, p. 649.

⁹² BROWN, 2020, p. 649.

⁹³ BROWN, 2020, p. 651.

⁹⁴ BROWN, 2020, p. 652.

⁹⁵ BROWN, 2020, p. 652.

trevas⁹⁶. Devido a isso João descreve os que creem em Jesus como filhos da luz. O vocabulário da *iluminação* era usado pelos cristãos para designar o Batismo⁹⁷. Assim, ao falar de sua intimidade com o Pai, Jesus fala que sua missão para com os homens é a de ser luz para os que creem nele (Jo 12,46).

2.2.3 O cego nato vê e os que pensavam ver se tornam cegos

A luz em João aparece pela primeira vez juntamente com o termo vida em Jo 1,4: são dois termos centrais em seu evangelho. A luz brilha nas trevas, é a “Palavra divina no mundo”⁹⁸. Com o dualismo luz e trevas João destaca que a missão da luz é brilhar trevas adentro, libertar a humanidade⁹⁹.

Em Jo 3,19-21 continua o versículo anterior, que traz a ideia de julgamento, a ideia é a de que ele acontece no momento presente. Parece que a base do pecado e do julgamento consiste no fato de as pessoas amarem mais as trevas do que a luz; por conseguinte, cometem ações más, ações que rejeitam a luz, o Logos divino¹⁰⁰. Contrariamente, quem é filho da luz manifesta o bem, irradia a luz.

Os *judeus* queriam saber quem era João Batista, porém recusaram seu testemunho e o eliminaram. Jesus, para falar dessa situação, usa a metáfora da lâmpada. “Em termos de linguagem e conteúdo, nota-se a diferença com Jesus: João é a ‘lâmpada’, Jesus é a luz do mundo (cf. Jo 1,4s.9; 8.12; 9,5; 12,46)”¹⁰¹.

Em Jo 8,12 “A palavra de Jesus ‘Eu sou a luz do mundo’ pode ter sido ocasionada pela festa das Tendias, durante a qual o pátio das mulheres, no Templo, era iluminado com grandes luminárias, que iluminavam a cidade inteira”¹⁰². Por isso, essas palavras são tidas como de revelação. Em Jo 8,13-14 os fariseus objetam que Jesus testemunha a favor de si e isso não é válido, todavia, ele é mais que uma testemunha, é enviado de Deus, assim o Pai testemunha a seu favor. Jo 8,15-18 aprofunda a compreensão do julgamento: Jesus é o juiz, e o testemunho do Pai tem efeito permanente¹⁰³. Por esse motivo, os ouvintes perguntam onde o Pai dele está (Jo 8,19-20). Isso evidencia que, os ouvintes não conhecem o Pai, mas acusam Jesus de

⁹⁶ BROWN, 2020, p. 777.

⁹⁷ BROWN, 2020, p. 777.

⁹⁸ BEUTLER, 2015, p. 49.

⁹⁹ BEUTLER, 2015, p. 49.

¹⁰⁰ BEUTLER, 2015, p. 101-102.

¹⁰¹ BEUTLER, 2015, p. 155.

¹⁰² BEUTLER, 2015, p. 220.

¹⁰³ BEUTLER, 2015, p. 221.

blasfêmia. Por causa dessa clareza, o evangelista conduz os leitores a um posicionamento favorável a Jesus, pois as Escrituras de Israel e o testemunho dele dão base para isso.

Ao abordar Jo 9 compreendem-se duas cenas em Jerusalém cujo cenário se dá do lado de fora do Templo, percebe-se ainda que em Jo 10 haverá um retorno ao recinto do Templo. Trata-se da história do cego nato e do diálogo subsequente. O texto do capítulo 10 parece não ter conexão direta com o contexto anterior; no fim, novos personagens entram em cena. Contudo, o contexto geral tem início com a festa das Tendias em Jo 7,1. Assim fica difícil determinar onde finda a história do cego curado: se termina em Jo 9,41 ou se prolonga através de Jo 10. A numeração dos capítulos sendo tardia (do início do século XIII), pode ser desconsiderada. Percebe-se que Jo 10 está na sequência de Jo 9, com efeito, entende-se que os interlocutores iniciais são os mesmos¹⁰⁴. Nota-se que em Jo 10,19-21 se dá o reenvio à cura do cego. Portanto, tudo indica que a narrativa de Jo 9 é sequenciada por Jo 10.

As pesquisas refletem sobre a origem e a gênese de Jo 9, evidenciando que Jo 9,1-7 se distingue do diálogo que se segue. Com efeito, Jo 9,1.6-7 é considerado o núcleo do relato da cura. Ao dedicar atenção aos versículos: Jo 9,2-5 (ou 3b-5) e Jo 9,39-41, é notório que a linguagem teológica do evangelista aparece muito claramente¹⁰⁵. Percebe-se, nesses versículos, os seguintes dados: Jesus como doador da luz, o cego nato que é curado, os que pretendem que veem, mas, no entanto, são os verdadeiros cegos.

Analogamente, a análise estrutural mostra que acontece uma progressão da visão do cego curado e, também, uma progressão, no sentido contrário, da cegueira dos antagonistas de Jesus. “O cego recebe não apenas a luz dos olhos, mas chega, passo a passo, ao reconhecimento, na fé, de Jesus como Messias e Filho de Deus, enquanto os fariseus se afundam sempre mais nas trevas de sua incredulidade”¹⁰⁶.

Em Jo 9 aparece como dominante a estrutura messiânico-escatológica. A cristologia se dá em forma de degraus: passa pelo homem (Jo 9,9), pelo profeta (Jo 9,17) a alguém que vem de Deus (Jo 9,33) e chega ao Filho do Homem (Jo 9,35-38). Com isso, chega-se gradativamente à revelação de que Jesus é a luz do mundo (Jo 9,5). O texto pode ser dividido em três grupos, cada qual compondo duas cenas (Jo 9,1-7|8-12; 9,13-17|18-23; 9,24-34|35-41)¹⁰⁷.

¹⁰⁴ BEUTLER, 2015, p. 233-234.

¹⁰⁵ BEUTLER, 2015, p. 234.

¹⁰⁶ BEUTLER, 2015, p. 234-235.

¹⁰⁷ BEUTLER, 2015, p. 235.

Daí infere-se de cada grupo, na ordem em que se encontram, os seguintes pontos: o acontecimento, o processo e o julgamento; que aparecem três perguntas: sobre o milagre, sobre como ele aconteceu e sobre a identidade do autor. Desta maneira, nota-se a passagem do milagre para o sinal. Pode-se, igualmente, analisar do seguinte modo: os vizinhos curiosos do cego nato que fazem perguntas; os fariseus que indagam, mas não acreditam; os que, apesar de crerem são omissos, os pais do que era cego; os que perguntam, creem e confessam a fé, isto é, o cego nato. Com isso fica claro a inclusão entre Jo 9,4-5 e Jo 9,39-41 sobre a temática da luz, o que se pensa do juízo.

O relato de Jo 9,1 na verdade tem seu início em Jo 8,59, pois o sujeito gramatical e o lugar onde Jesus encontra o cego nato são os mesmos, a narração continua. Jesus é o personagem principal, está no centro, ele responde perguntas, cura o cego, outros personagens aparecem. Assim, o núcleo do relato identifica-se com a estrutura de milagre que é narrada no judaísmo e helenismo¹⁰⁸. Tem-se a *expositio* que descreve a enfermidade, as práticas terapêuticas, palavra ao cego, execução da ação, e o objetivo que é a cura alcançada; tem-se a piscina que possui função eficaz no momento que relembra a história de Naamã, o sírio, curado pelo profeta Eliseu (2Rs 5,10)¹⁰⁹. Deste modo, o evangelista João narra diversas reações, o que proporciona ao leitor identificar-se com modelos variados.

Em Jo 9,4-5 é preciso entender como as obras de Jesus são realizadas à luz do dia. Ele as aprendeu do Pai e tem pressa em realizá-las, porque quando chega a noite não se pode trabalhar¹¹⁰. Jesus é luz que estará por pouco tempo com seus ouvintes, que neste momento do texto apenas seus discípulos estão por perto, os que permaneceram aprenderam que as trevas podem dominar a luz (Jo 12,35)¹¹¹. A luz, desde o Prólogo, ilumina a existência, inicia a vida, emite julgamento, por isso Jo 12,46 resume tudo o que da luz foi dito até este momento¹¹².

¹⁰⁸ BEUTLER, 2015, p. 236.

¹⁰⁹ BEUTLER, 2015, p. 236. A cura do cego de nascimento na piscina de Siloé, que possui função eficaz no momento, relembra a história de Naamã, o sírio, curado de lepra pelo profeta Eliseu (2Rs 5,10-14). O profeta mandou que se lavasse sete vezes no rio Jordão. Porém, Naamã, num primeiro momento, colocou objeções ao que o profeta Eliseu pediu que fizesse. Partilham da mesma opinião os seguintes autores: BEUTLER, 2015, p. 238; SCHNACKENBURG, 1980, p. 306; LÉON-DUFOUR, 1996b, p. 233; CASALEGNO, 2009, p. 291.

¹¹⁰ BEUTLER, 2015, p. 237.

¹¹¹ BEUTLER, 2015, p. 311.

¹¹² BEUTLER, 2015, p. 317.

2.2.4 O cego curado: um modelo de discípulo a ser seguido

Para Muderhwa, há uma busca por compreender o cego curado de Jo 9 como um modelo a ser seguido pelos discípulos¹¹³. Para compreendê-lo como discípulo, precisa-se entender como João lê essa passagem. Em seguida, deve-se entender a expressão *discípulos de Moisés* e como a ideologia foi construída, para, por fim, descobrir como João concebe o modelo de discípulo no fim do século I. O ex-cego não cede às pressões dos judeus, não nega a realidade, a experiência que fez. Por isso acredita que Jesus é o Messias. Ele não nega a verdade que descobriu. O evangelista não elogia esse comportamento; para ele os crentes precisam confessar Jesus como o Messias mesmo se receberem a exclusão¹¹⁴.

A expressão *discípulos de Moisés*, no Novo Testamento, aparece somente aqui em João. Moisés foi um mediador entre Deus e Israel. Na visão de João, o judaísmo fundamentado em Moisés, nitidamente, opõe-se a Jesus Cristo. Na verdade, o testemunho de Moisés devia ter servido para preparar os judeus para a vinda de Jesus. Eles recusaram o Messias. Criaram uma ideologia em torno de Moisés, não conseguiram acolher o que ele realmente fez, testemunhou e quis dizer. Moisés foi uma lâmpada que brilhou por um determinado tempo¹¹⁵.

Percebem-se as implicações epistemológicas e teológicas em relação aos termos *saber e não saber*. Em Jo 9,24, a legitimidade de Jesus é questionada, pois as autoridades judaicas afirmam saber que Jesus é um pecador, não vem de Deus. Dizem *saber* que Deus falou com Moisés, mas quanto a Jesus, nem sequer *sabem* de onde ele é. O conceito *saber* tem, neste contexto, forte carga de pensamento fariseu oficial, legalista, burocrático. Todavia, a Igreja usa-o para demonstrar que a experiência transforma-se em amor fraterno e acontece na realidade concreta. Dessa maneira, Jesus cumpre o objetivo pelo qual foi enviado, ele é a luz do mundo. Isto fica completamente claro na cura do homem cego de nascimento. Logo, o curado é portador de Deus.

Jo 9 caracteriza-se por dois modelos de *discípulos*: os fariseus e o curado¹¹⁶. Os primeiros são seguidores de Moisés, representante da Torá, encontram-se com Deus por meio dela. O segundo é seguidor de Jesus, abandonou o discipulado de Moisés, encontra-se com Deus naquele que o curou. Logo, fica nítida a oposição entre os dois grupos, judaísmo e os que seguem Jesus. Os seguidores de Jesus perdem a sinagoga, são deslocados social e

¹¹³ MUDERHWA, 2011, p. 156.

¹¹⁴ MUDERHWA, 2012, p. 159.

¹¹⁵ MUDERHWA, 2012, p. 160.

¹¹⁶ MUDERHWA, 2012, p. 163-164.

teologicamente. Essa hostilidade será chamada de conflito das trevas com a luz. O discipulado de Jesus consiste em dar testemunho tendo como base a experiência do divino. O homem curado cresceu na fé, aprendeu a andar na luz, afastou-se da escuridão, conhece Jesus. Por isso, o cego curado é paradigma de discípulo¹¹⁷.

2.2.5 A cegueira espiritual das autoridades religiosas

Segundo Upchurch, havia uma concepção no judaísmo de que o que Deus criou é bom e justo, tudo o que acontece no mundo criado precisa estar em conformidade com ele, o Criador¹¹⁸. Se as coisas não acontecem desse modo, é atribuída a culpa a alguém que não seja Deus. Caso o homem perca sua saúde ou a mulher seja estéril, provavelmente é devido a um pecado pessoal. Isto parecia salvaguardar a justiça ou retidão de Deus. No caso do homem cego de nascimento, a situação é mais complexa ainda. Tudo leva a crer que alguém pecou antes do seu nascimento. Do contrário, a natureza de Deus ficaria comprometida (Jo 9,2).

Os discípulos apresentam o que comumente se pensava: que alguém era responsável pela situação em que o homem se encontrava, esse alguém não podia ser Deus. A resposta de Jesus é dada por meio de uma série de ações, em seguida ele sai de cena. Nesse momento, a cura do homem é motivo de discussão entre os líderes judeus. Conforme o desenvolvimento do drama, surgem cenas com tensões crescentes (Jo 9,1-7; 9,8-12; 9,13-17; 9,18-23; 9,24-34; 9,35-39; 9,40-41). Mesmo diante das evidências, os líderes religiosos, os fariseus, não podiam aceitar que o homem havia sido curado, a objeção é que o sábado foi ignorado (Jo 9,13-16)¹¹⁹. Os fariseus não quiseram ver a realidade, preferindo negá-la. Por isso, mesmo com o reconhecimento dos pais que disseram que, realmente, aquele homem curado era o filho deles que nasceu cego, preferiram expulsá-lo. Enfim, no fim da cena, tem-se a revelação da identidade de Jesus.

Assim, os que deveriam alegrar-se com a ação de Deus fazem de tudo para roubar a alegria do homem curado. O autor mostra que Jesus exerce a liderança verdadeira, porque, quando o ex-cego foi expulso, ele o procurou e o convidou a ter uma visão ainda maior. Por isso, o leitor, assim como o miraculado, faz um caminho de reconhecimento daquele que realizou a cura: o homem chamado Jesus (Jo 9,11), o profeta (Jo 9,17), o Filho do Homem (Jo 9,35). Houve uma inversão, pois o homem saiu da cegueira para a visão, das trevas para a luz,

¹¹⁷ MUDERHWA, 2012, p. 164.

¹¹⁸ UPCHURCH, 2012, p. 213

¹¹⁹ UPCHURCH, 2012, p. 214.

enquanto os líderes religiosos em Jerusalém entraram nas trevas, não conseguiram reconhecer a presença de Deus¹²⁰.

Jesus tornou-se carne, luz do mundo. Em Jo 8,12, declara-se, abertamente, como luz do mundo. Nesse sentido, a história do cego de nascença com a visão restaurada é a percepção da cegueira espiritual. O homem simples não tem treinamento teológico, mas tem a sua experiência, sabe que era cego e agora vê (Jo 9,25). Por isso, o encontro com Jesus, essa declaração de humildade, o conduz à fé, leva-o à adoração (Jo 9,38). Os líderes religiosos, ao contrário, afirmam conhecer, ver com clareza. Assim, recusam o que está diante deles, duvidam do homem e da identidade de Jesus, optam pela cegueira¹²¹.

2.3 Aspectos específicos da 1Jo

Como a temática do trabalho dissertativo é: “‘Sou a luz do mundo’ (Jo 9,5b): O sinal da luz no Quarto Evangelho”, busca-se a compreensão do termo luz também na 1Jo.

2.3.1 A luz em 1Jo 1,5–2,28

A reflexão sobre a luz na 1Jo aparece explicitada em 1Jo 1,5–2,28, no restante da carta aparece a consequência do que é desenvolvido sobre o assunto. A linguagem da 1Jo é a mesma do ambiente do Quarto Evangelho. Supõe-se que o pano de fundo sejam as comunidades da Ásia no fim das décadas do primeiro século¹²². 1Jo é uma exortação, muito provavelmente uma homilia. Ela não tem forma de carta, pois não possui cabeçalho nem assinatura. Da leitura desse seu texto deduz-se a existência de alguns problemas na comunidade: divisões, falta de amor, falta da prática da justiça, além dos desvios doutrinários de cunho gnóstico, desconexos da realidade histórica de Jesus e da comunidade¹²³.

Na 1Jo, os exegetas mostram que é preciso caminhar na luz, confessar Jesus como o Cristo. Compreendem que os termos *Deus* e *luz* possuem o mesmo significado, quem estiver em comunhão com a luz não se perde. A comunhão com Deus se dá no fato de andar na luz. Destaca-se ainda que nele não há trevas. E mais, requer-se de quem diz que Jesus é o Cristo que aja de acordo com seus ensinamentos.

¹²⁰ UPCHURCH, 2012, p. 214.

¹²¹ UPCHURCH, 2012, p. 215.

¹²² KONINGS, J; KRULL, W; MAREANO, M. *Tiago, Pedro, João e Judas: cartas às comunidades*. São Paulo: Loyola, 2019. p. 61.

¹²³ KONINGS; KRULL; MAREANO, 2019, p. 62.

2.3.2 Caminhar na luz e confessar Jesus como o Cristo

Segundo o clássico manual de Kümmel, a epístola não tem uma estrutura clara, embora gire em torno de dois temas que oscilam frequentemente: a fé correta e seu modo adequado em Cristo, a ligação entre fé e conduta justa¹²⁴. São duas as ideias principais que norteiam todo o texto. A primeira é caminhar na luz, que requer do fiel o reconhecimento do pecado, observar os mandamentos, sinal de confissão a Deus (e Cristo), amar o irmão, tomar cuidado com o amor ao mundo e com os falsos mestres. A segunda é confessar Jesus como Cristo¹²⁵. João insiste que a confissão de Deus e o caminhar na luz são intrínsecos, que somente Jesus, o Verbo encarnado, trouxe o amor de Deus, que apaga o pecado (1Jo 1,5-2,27)¹²⁶.

2.3.3 Deus é luz

Santo Agostinho, ou Aurélio Agostinho, no seu comentário à Primeira Epístola de João, faz uma reflexão sobre a *luz* identificando-a com Deus¹²⁷. Ele defende a ideia de que, pela unção e pelo testemunho, acontece a manifestação de Deus mediante aquele que a acolhe. Em seu modo de pensar, diz que quem está na luz é ungido, tem raízes profundas. O Verbo feito carne começou a ser no seio da Virgem Maria. Contudo, ele era desde o princípio. A união do Verbo com a carne é como o casamento do esposo com a esposa. Deus é a luz por excelência, como tal está muito além de todas as luzes. Por ele tudo foi feito. Para saber o que é essa luz, torna-se preciso aproximar-se dela, receber a sua luz. Isso porque a criatura humana em si é treva, deve reconhecer-se pecadora, querer ser iluminada pela luz. Em Deus não há treva (1Jo 1,5), para estar em comunhão com ele, é necessário o afastamento das trevas, uma vez que elas não têm e não poderão ter nenhuma comunhão com a luz¹²⁸. A única forma de alcançar a salvação eterna é a comunhão com Deus. Em suma, as trevas são os pecados humanos.

Uma forma de comunhão com Cristo dá-se pelo seu sangue, ou seja, o sacrifício que ofereceu pelo dom de sua vida. No Antigo Testamento, o sangue dos animais de sacrifício

¹²⁴ KÜMMEL, W. G. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1982. p. 572.

¹²⁵ KÜMMEL, 1982, p. 572-573.

¹²⁶ Kümmel optou por dividir a perícopes até o v. 27 (KÜMMEL, 1982, p. 573); contudo, a opção feita nesta pesquisa compreende até o v. 28.

¹²⁷ AGOSTINHO, S. *Comentário da primeira Epístola de São João*. São Paulo: Paulinas, 1989. p. 32.

¹²⁸ AGOSTINHO, 1989, p. 33-34.

simboliza ritualmente a purificação diante de Deus. O sangue de Jesus purifica de todo pecado. Inclusive, no Batismo acontece o rejuvenescimento. A existência verdadeira acontece quando se reconhece a cura em Jesus, isso porque reconheceram-se as faltas. Por certo, o sacramento da confissão é muito importante, uma vez que quem diz não ter pecado é mentiroso (1Jo 1,9-10)¹²⁹. Deve-se saber que Cristo é o defensor, o advogado junto do Pai e que se tornou vítima pelo pecado de todos¹³⁰. Deste modo, é preciso entrar em comunhão com Deus, guardar a sua Palavra, praticar o amor¹³¹. Quando isto acontece, há um salto qualitativo na fé, pois ama-se o inimigo, pratica-se a justiça. Odiar o inimigo significa estar nas trevas, enquanto quem ama o seu irmão continua na luz.

Quem tem um coração puro consegue entender que Jesus é igual ao seu Pai. Contudo, quem não tem o coração puro pode chegar até à carne de Jesus, porém sem alcançar sua divindade¹³². Salienta-se que quem recebeu a unção, isto é, o Espírito Santo, sabe discernir o que é bom, o que é mal, pois a própria unção ensina-o¹³³. Enfim, Deus é aquele que ensina todas as coisas.

2.3.4 A importância de reconhecer-se pecador

A palavra *luz* é compreendida em 1Jo 1,4-5 como sinônimo de vida, entende-se por trevas tudo o que se opõe à vida¹³⁴. A carta evidencia que Deus é luz, que nele não há trevas, ele é vida. A crítica que se faz aos anticristos é o fato de que dizem estar em comunhão com Deus, quando, na verdade, a prática deles é um completo dissenso, ou seja, são mentirosos.

Salienta-se que é preciso praticar a verdade, caminhar na luz, unir-se a Deus e à comunidade. O primeiro passo para que isso aconteça é: reconhecer-se pecador. Pecado, nos escritos de João, significa aderir ao mundo das trevas, comprometer-se com injustiças que levam as pessoas à morte¹³⁵. O reconhecimento do pecado provoca na pessoa a descoberta do rosto de Jesus, que purifica do pecado, que advoga ao Pai a nosso favor.

O autor contesta os anticristos que pensavam que bastava conhecer Deus e, no entanto, pensavam que não precisavam cumprir os mandamentos; diziam que estavam na luz, mas

¹²⁹ AGOSTINHO, 1989, p. 37.

¹³⁰ AGOSTINHO, 1989, p. 38.

¹³¹ AGOSTINHO, 1989, p. 41.

¹³² AGOSTINHO, 1989, p. 74.

¹³³ AGOSTINHO, 1989, p. 77.

¹³⁴ BORTOLINI; BAZAGLIA, 2001, p. 50.

¹³⁵ BORTOLINI; BAZAGLIA, 2001, p. 50-51.

odiavam o irmão¹³⁶. O evangelho joanino deixa claro que Jesus amou os seus até o fim (Jo 13,1). A marca das comunidades joaninas consistia nisso: eram comunidades de iguais, o amor regia todas as relações, o amor era o grande sacramento da comunidade. Os gnósticos propunham exatamente o contrário, uma vez que afirmavam que o conhecimento de Deus era um processo mental, fazia-se uso da razão sendo desnecessário o compromisso do amor fraterno¹³⁷.

2.3.5 A comunhão com Deus acontece quando se anda na luz

A abordagem elementar de Konings, Krull e Mareano destaca que, na Primeira Carta de João, a comunhão com Deus se dá no andar na luz¹³⁸ (1,5–2,28)¹³⁹, ainda, que Deus é luz e nele não há trevas: a luz e a comunhão com Ele se dão no andar nessa mesma luz. Na 1Jo, o verdadeiro conhecimento de Cristo e de Deus “[...] consiste em praticar sua palavra, amar os irmãos, repartir os bens deste mundo, numa palavra, andar na luz”¹⁴⁰.

Em sua carta, João visa a fortalecer a comunidade na comunhão, bem como a alertá-la a não se afundar no pecado¹⁴¹. Para João todos são pecadores, porém não há motivo para desespero, pois, ao voltar-se para Cristo, o Paráclito, o socorro vem. Ele é o justo elevado à máxima potência. Pelo fato de estar na glória, invalida os pecados da comunidade e do mundo inteiro. Por isso é importante conhecê-lo. Na época da 1Jo, a gnose (o conhecimento) estava em voga. Esse pensamento era dualista, dividia o ser humano em dois elementos que não eram compatíveis, o corpo e a alma¹⁴². A luz ou a inteligência emanava da alma. Nisso consistia o princípio do bem. Já o corpo era matéria, pesada e obscura. A gnose pretendia oferecer à vida humana um meio de livrar-se da escuridão e entrar na luz. Porém, não é objetivo desta dissertação expor sobre a gnose. O objetivo é afirmar que a visão cristã de vida e de salvação não é compatível com essa concepção. Em primeiro lugar, corpo e alma são inseparáveis, compõem uma unidade inseparável. Ambos estão destinados a participar da glória, da ressurreição. Muitos pensam que o corpo é fonte de pecado, quando a fonte é a mente, o que as pessoas imaginam. Em segundo lugar, o dualismo não pode ser aceito porque

¹³⁶ BORTOLINI; BAZAGLIA, 2001, p. 52.

¹³⁷ BORTOLINI; BAZAGLIA, 2001, p. 53.

¹³⁸ KONINGS; KRULL; MAREANO, 2019, p. 62.

¹³⁹ A opção feita nesse trabalho baseia-se em Konings, Krull e Mareano (2019), que situam a temática da luz em 1Jo 1,5-2,28. O restante da 1Jo gira em torno da luz, mas não diretamente.

¹⁴⁰ KONINGS; KRULL; MAREANO, 2019, p. 61.

¹⁴¹ KONINGS; KRULL; MAREANO, 2019, p. 65.

¹⁴² KONINGS; KRULL; MAREANO, 2019, p. 65.

foi pela carne de Jesus que a humanidade foi salva. Ele tornou-se carne. É assim que se dá o conhecimento cristão, Deus é conhecido no amor que Jesus oferece a todas as pessoas. Por isso, para João, conhecer Cristo é um processo dinâmico (1Jo 2,1-6).

A união com Jesus acontece pela observância dos preceitos dados por ele (Jo 14,21)¹⁴³. Quem ama a Deus precisa amar o seu irmão ou será um mentiroso. A Palavra de Deus concretiza-se no amor fraterno, nele o amor divino é irradiado. Enquanto os gnósticos ficavam preocupados se estavam na luz, o cristão precisa saber se está em Cristo¹⁴⁴. Para isso, o critério é caminhar na luz, agindo justamente, praticando a retidão, amando o próximo, confessando a fé em Jesus Cristo como Filho de Deus. No entanto, deve-se abster das trevas, do pecado, do que contraria Deus. Quem assim comporta-se pode sentir-se seguro, pois Jesus reconciliou a humanidade com o Pai. Quem assim vive está caminhando na luz.

João chama seus ouvintes no início de *filhinhos*, depois de falar-lhes sobre o amor, chama-os de *amados*. Com isso as trevas estão passando, a luz verdadeira brilha (Jo 1,9)¹⁴⁵. Não basta dizer que está na luz se, mesmo sendo da comunidade, rejeita seu irmão. A máxima consiste em: quem ama o seu irmão permanece na luz. Do contrário, as trevas cegam os olhos e a pessoa não sabe aonde vai (Jo 12,35). O ódio pelos irmãos conduz às trevas. Evidentemente, o símbolo da luz fala a todos. Ela foi a primeira criatura de Deus (Gn 1,3-5)¹⁴⁶.

A luz é a geradora da vida, auxilia na caminhada, nos trajetos da vida. O povo bíblico, no deserto, experimentou isso com a coluna de luz (Ex 13,21-22), bem como, em várias outras situações (Sl 19,9; 118,27; 119,105; 1Jo 1,5). Tudo isso revela que Deus é luz, que se torna acessível porque Jesus veio ao mundo (Jo 1,9; 8,12; 9,5; 12,46). Enquanto está com os seus, é possível caminhar nela, ser filhos dela (Jo 12,35-36). Enfim, não se pode cometer o equívoco dos gnósticos, que julgavam ser o suficiente ter a luz. O que importa é caminhar na luz, percorrer o caminho que ela ilumina (1Jo 2,7-17).

Em resumo, no evangelho, João apresentou Jesus falando da vida, contando como é o Pai. E continua mostrando, na 1Jo, qual é o critério para estar na luz. Nela o importante é reconhecer-se pecador, reconciliar-se com Cristo, comungar com ele, conhecê-lo intimamente. Quando isso acontece, as seduções dos anticristos não surtem efeito. Não se

¹⁴³ KONINGS; KRULL; MAREANO, 2019, p. 66.

¹⁴⁴ KONINGS; KRULL; MAREANO, 2019, p. 66.

¹⁴⁵ KONINGS; KRULL; MAREANO, 2019, p. 67.

¹⁴⁶ KONINGS; KRULL; MAREANO, 2019, p. 68.

pode esquecer de que o tempo em que se vive é decisivo. Esta apresentação está implicitamente presente na carta.

2.3.6 O anúncio do amor de Deus

Segundo Silvano, há aqueles que acreditam que esse escrito joanino seja uma exortação pastoral ou uma homilia, que tem como tema central o mandamento do amor e trabalha temas relacionados ao Batismo¹⁴⁷. Pode ser compreendida como endereçada a um grupo na comunidade com o objetivo de anunciar o amor de Deus, mostrar o caminho para aqueles que darão adesão a Jesus depois do Batismo, advertindo contra os falsos profetas e suas falsas doutrinas, estabelecendo a relação entre fé e amor, dizendo que Jesus é o Cristo, agindo conforme seus ensinamentos¹⁴⁸.

O autor tem como finalidade modificar a percepção dos adversários, reanimar a fé da comunidade fazendo com que tenha práxis cristã. O principal problema com os dissidentes é que relativizam o valor salvífico da morte de Jesus, da encarnação do Filho de Deus; outro problema é a separação entre o crer em Jesus Cristo e o viver a fé eticamente; por fim, os que defendem que, após o Batismo, já estão salvos, em plena comunhão com Deus, sem pecado, sem a chance de pecar porque já conhecem a Deus e Jesus, têm posse do Espírito Santo, portanto, não precisam da mediação salvífica de Jesus¹⁴⁹. Por causa das situações mencionadas, o autor pretende defender a missão messiânica de Jesus, mostrar que aderir a Jesus e receber o Batismo não exime o cristão de exercer o amor fraterno, de assumir a dimensão social da salvação¹⁵⁰. Logo, a comunidade precisa crer no Jesus crucificado, em sua mediação no processo da salvação.

Na 1Jo aparecem como características fundamentais da teologia, em conformidade com os problemas da comunidade, três aspectos: cristológico, ético e antropológico¹⁵¹. Nessa carta Jesus é a figura central, embora apareçam referências ao Pai e ao Espírito Santo. Tal interpretação é proposital, visa sanar o erro de membros da comunidade que não atribuíam à existência humana de Jesus valor salvífico, ou seja, redentor. Isso gerava um problema antropológico, uma vez que diziam viver em comunhão com Deus, que não tinham pecado

¹⁴⁷ SILVANO, Z. *Primeira carta de João: crer em Jesus Cristo e amar uns aos outros*. São Paulo: Paulinas, 2019. p. 8-9.

¹⁴⁸ SILVANO, 2019, p. 9.

¹⁴⁹ SILVANO, 2019, p. 16.

¹⁵⁰ SILVANO, 2019, p. 16-17.

¹⁵¹ SILVANO, 2019, p. 17.

(1Jo 1,8-10), que não precisavam do irmão (1Jo 2,9-11; 3,11-18; 4,20)¹⁵². Esse é motivo pelo qual a morte de Jesus é afirmada, na carta, como valor redentor.

Jesus Cristo e Deus permanecem nos cristãos que praticam a justiça, amam o próximo, todavia a manifestação completa da salvação apenas dar-se-á no final dos tempos. Na realidade atual, o cristão precisa agir conforme os ensinamentos de Deus-Amor que foram revelados, contrariando os adversários que já se imaginavam salvos, não necessitando da mediação de Jesus Cristo¹⁵³. Por certo, não basta alguém dizer que está em comunhão com Deus, que o conhece, que o ama, que está na luz, que não tem pecado, uma vez que ignora o irmão¹⁵⁴. Logo, não pode haver dicotomia entre fé e amor ao próximo, a Jesus, o Filho de Deus.

Progressivamente, percebem-se na leitura da carta as dimensões eclesiológica, cristológica e teológica relativamente ao amor¹⁵⁵. E ainda, duas dimensões do amor são aprofundadas: o amor ao irmão, que é contraposto ao ódio (1Jo 2,9-11), o amor a Deus, que se opõe ao amor pelo mundo (1Jo 2,15-17).

A vida origina-se em Deus, é um dom gratuito. Por isso, deixar-se iluminar pela Palavra da Vida significa escutar quem chamou à vida e a sustenta no amor e pelo amor. É essa palavra que dá sentido, orientação à comunidade¹⁵⁶. Insiste-se, ademais, que Jesus é Filho de Deus e que Deus é Pai contrapondo-se, provavelmente, ao ensinado pelos falsos mestres negando a encarnação do Filho e sua dimensão salvífica.

Com efeito, na seção 1Jo 1,5–2,17, a primeira referência feita a Deus é de que ele é luz e nele não há trevas (1Jo 1,5), a segunda diz respeito ao batizado, às condições para se viver em comunhão com Deus (1Jo 1,6–2,17), sendo que essa última subdivide-se em: “a) caminhar na luz, a confissão e remissão dos pecados (1Jo 1,6–2,6); e b) o amor para com o próximo (1Jo 2,7-17)”¹⁵⁷.

1Jo 1,5 assemelha-se a Jo 1,19, que fala sobre o testemunho de João. Outro elemento característico em 1Jo 1,5–2,6 são as antíteses que aparecem: *verdade e mentira, comunhão e pecado* que, possivelmente, são contraposições aos adversários¹⁵⁸. É nesse sentido que o autor salienta o desdobramento das consequências éticas quando o cristão pratica sua ação, ou seja,

¹⁵² SILVANO, 2019, p. 18.

¹⁵³ SILVANO, 2019, p. 20.

¹⁵⁴ SILVANO, 2019, p. 21.

¹⁵⁵ SILVANO, 2019, p. 22.

¹⁵⁶ SILVANO, 2019, p. 28.

¹⁵⁷ SILVANO, 2019, p. 31.

¹⁵⁸ SILVANO, 2019, p. 32.

a comunhão com Deus está essencialmente relacionada à comunhão com os irmãos: verdade e amor são inseparáveis¹⁵⁹.

O termo luz, também em 1Jo, 1,5, pode ser entendido como meta a ser alcançada, a salvação escatológica que, por sua vez, coincide com o agir segundo a vontade de Deus, na história atual¹⁶⁰. Similarmente o termo trevas, usado em sentido teológico, refere-se a quem não tem como parâmetro a luz, o próprio Deus, não se envereda no amor. Enfim, não pode haver divisão entre a profissão de fé e a ação, pois desse modo a pessoa torna-se mentirosa.

O verbo “caminhar”, tanto no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento, é, por diversas vezes, utilizado para significar o agir (Jo 8,12; 12,35; Is 60,1.3; Sl 118,27). Sendo assim, caminhar nas trevas é uma postura desagradável perante o Deus-Luz¹⁶¹. 1Jo 1,5-6 não deixa dúvida que é impossível dizer que Deus é luz, estar em comunhão com ele e continuar andando nas trevas. Porque, quem está na luz pratica a verdade, age de acordo com a Palavra. 1Jo 1,7 relaciona o que foi dito com o Pai, com Jesus Cristo, com o irmão, isto é, dá um fundamento teológico e cristológico¹⁶². Verifica-se que a prática da verdade está ligada a Deus, que é luz; em seu Filho Jesus Cristo, ela se personifica. Por isso, andar na luz, exercer a verdade e caminhar com Deus estão imbricados, não se separam. E no fim de 1Jo 1,7 aparece a menção à purificação dos pecados, que acontece com quem anda na luz e confessa os seus pecados.

O sangue de Jesus purifica aqueles aos quais é manifestado o grande amor de Deus. Essa argumentação contrapõe-se aos adversários que não aceitavam “a mediação salvífica da humanidade e da morte de Jesus”¹⁶³. O batizado se comporta justamente desse modo, anda na luz, necessita do perdão dos pecados, que acontece em Deus pela mediação do Filho crucificado e ressuscitado.

No Antigo Testamento, o pecado está relacionado à transgressão da lei dada por Deus. A 1Jo resume o caminho cristão no amor ao próximo e na fé em Jesus. Só Jesus pode purificar as pessoas do pecado. Contudo, para a literatura joanina, o maior pecado é o não acreditar em Jesus como o Messias, o Filho de Deus (Jo 16,8-9)¹⁶⁴. Por isso, é muito importante o reconhecimento dos pecados, confiar na misericórdia divina. Nesse sentido, o batismo faz com que o pecado não seja soberano.

¹⁵⁹ SILVANO, 2019, p. 33.

¹⁶⁰ SILVANO, 2019, p. 34.

¹⁶¹ SILVANO, 2019, p. 35.

¹⁶² SILVANO, 2019, p. 35-36.

¹⁶³ SILVANO, 2019, p. 37.

¹⁶⁴ SILVANO, 2019, p. 38.

O capítulo 2 começa convidando os *filhinhos* a não pecar (1Jo 2,1). Segue com a remissão do pecado (1Jo 2,1-2), a importância de cumprir o que Deus pede, de acordo com o exemplo de Cristo (1Jo 2,3-6)¹⁶⁵. A expressão *filhinhos* é típica da 1Jo. O autor afirma que a comunidade tem um defensor que é Jesus Cristo, que recebe dois títulos: Paráclito e Justo. O termo *paráclito*, usado em contexto jurídico, quer dizer defensor, o que dá testemunho, título aplicado a Jesus. No entanto, no Evangelho escrito por João, o mesmo título aplica-se ao Espírito Santo (Jo 14,16.17.26; 15,26; 16,7)¹⁶⁶. No caso de Jesus, o título se aplica a ele no sentido de que defende os seus diante do Pai; ele deu sua vida pela salvação de todos (1Jo 3,16).

Em 1Jo e, implicitamente, também no próprio evangelho joanino (Jo 14,16), Jesus é chamado de justo e defensor: relaciona-se com Deus, com o outro, não tem pecado¹⁶⁷. É por isso que purifica os pecadores, expia os pecados. Mais uma vez essa insistência no pecado serve de contraponto para as pessoas da comunidade que se consideravam sem pecado¹⁶⁸. O sacrifício, mediação entre Deus e a humanidade, era o que possibilitava a reconciliação. A morte de Jesus como sacrifício de cruz é o resultado de sua fidelidade ao que o Pai lhe confiou. O que chama a atenção é que a ação redentora de Jesus possui caráter universal, em contraposição aos opositores, que viam a salvação de modo particular, apenas para o grupo deles¹⁶⁹.

Nesta seção, Deus é retratado como Pai, fiel e justo, que purifica as pessoas dos pecados e das injustiças; Jesus é o Filho de Deus, o justo, o defensor, que purifica os pecados por meio do seu sangue. O cristão é convidado a viver em comunhão com Deus e com os irmãos, andar na luz, conhecer Deus, permanecer nele. Logo, andar na luz significa dar adesão a Jesus Cristo e a Deus, luz; reconhecer os pecados, receber a purificação pelo sangue de Jesus, cumprir a vontade de Deus. É necessário salientar que Jesus é o lugar da manifestação de Deus, que por gratuidade e benevolência resgata a humanidade. Jesus é o mediador entre Deus Pai e a humanidade, ele liberta o ser humano daquilo que, pelo pecado, o afasta do divino, a ruptura com Deus e com o irmão¹⁷⁰.

Em 1Jo 2,3-6 aparece como central o nexos entre o conhecimento de Deus, a observância do mandamento, especialmente, o do amor fraterno e esse nexos é próprio do

¹⁶⁵ SILVANO, 2019, p. 41.

¹⁶⁶ SILVANO, 2019, p. 41.

¹⁶⁷ SILVANO, 2019, p. 42.

¹⁶⁸ SILVANO, 2019, p. 43.

¹⁶⁹ SILVANO, 2019, p. 47.

¹⁷⁰ SILVANO, 2019, p. 48-49.

Deuteronômio e da teologia da aliança¹⁷¹. À medida que cresce na humanidade o amor por Deus, cresce também o amor pelo próximo. O conhecimento verdadeiro de Deus consiste em praticar o mandamento resumido no amor ao próximo¹⁷². Nota-se que o conhecer Deus não é um dado intelectual apenas, como o gnosticismo tende a apresentar. Pelo contrário, significa um envolvimento vital, optar por Cristo, ter um comportamento ético coerente com a experiência, lembrando-se de que o amor a Deus e ao próximo são dois amores que “não se fundem, nem se confundem”¹⁷³.

Em 1Jo 2,7-11, reaparece o tema do mandamento que foi dado desde as origens¹⁷⁴. O batizado experimenta e vive esse amor, ama o seu irmão, dá testemunho. A consequência do amor a Deus é o amor ao irmão, Jesus Cristo é a referência disso. Com isso, percebe-se que Jesus é a luz verdadeira, como é dito no Evangelho de João (Jo 1,5.9; 3,2)¹⁷⁵. Sendo assim, quem está na luz, cumpre a vontade de Deus, vive em paz com o outro e não comete pecado. Do contrário, quem odeia o seu irmão está completamente nas trevas.

Em 1Jo 2,12-14, exprime-se claramente que os que foram perdoados e conhecem a Deus possuem forças para vencer o mal. O perdão dos pecados e o conhecimento de Deus aparecem como atributos da Nova Aliança em Jr 31,31-34¹⁷⁶. Pode-se afirmar que “os interlocutores são aqueles que passaram pelo processo de conversão, iniciação e inserção na comunidade”¹⁷⁷. Eles são convidados, em meio aos conflitos que surgiram na comunidade, a recordarem-se do Batismo, revigorarem a fé, continuarem perseverantes, atentos à Palavra e vivendo-a. Assim terão condições de enfrentar o maligno.

Em 1Jo 2,15-17, encontra-se a oposição entre o que é efêmero e o que é duradouro, a permanência no amor de Deus, incompatível com o amor ao mundo. Isso está completamente em harmonia com o Evangelho de João, que afirma que quem ama o mundo não pode pertencer a Deus, antes ao maligno. Ao dizer isso, convida os que amam a aproximarem-se da

¹⁷¹ SILVANO, 2019, p. 49.

¹⁷² SILVANO, 2019, p. 50.

¹⁷³ SILVANO, 2019, p. 51.

¹⁷⁴ Segundo Suresh Periyasamy, na tradição joanina o amor é a origem de tudo aquilo que se refere a Jesus Cristo e que se amplia na instabilidade cósmica atual (Jo 3,16; 1Jo 4,9-14; Rm 8,32). O amor do Filho pelos amigos é reflexo do amor dele pelo Pai. O amor-ágape da realidade divina desce a esse mundo e se revela como luz da vida. O amor a Deus, a Jesus é superior ao amor fraterno (Jo 5,42; 8,42; 14,28). A forma plena da ágape (1Jo 3,18; 4,7-19) atualiza a vitalidade de Deus nesta realidade. Em tempos de crise, o amor a Deus aumenta o amor fraterno (Ap 2,19). Esse amor no contexto escatológico, nutrido pela fé, opta pela morte (Ap 12,11), pelo martírio de tão grande que é (PERIYASAMY, S. *The new-old commandment: “As I have loved you”* (Jn 13,34-35) an exegetico-cultural investigation. 2019, 170 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2019. p. 59-60).

¹⁷⁵ SILVANO, 2019, p. 55.

¹⁷⁶ SILVANO, 2019, p. 59.

¹⁷⁷ SILVANO, 2019, p. 60.

luz, afastando-se das trevas (Jo 3,19)¹⁷⁸. No paralelismo entre luz e trevas, o mundo e o Pai, o fiel é convidado a escolher a luz, que é Jesus Cristo, praticando o mandamento novo do amor fraterno; é convidado também a escolher o Pai¹⁷⁹. Logo, o mandamento novo consiste em amar a Deus Pai e amar o próximo.

Em 1Jo 2,18-28, o autor pensa acerca da última hora, sobre o sentido de permanecer na unção recebida. Apesar de o texto focar na figura do anticristo, tem por objetivo “renovar a profissão de fé em Jesus Cristo, na comunhão entre Deus, o Filho e os fiéis”¹⁸⁰ e confirmar a presença do Espírito Santo, vinculada à Palavra de Cristo, anunciando o retorno glorioso dele, o Cristo.

A profecia da vinda do anticristo é central em 1Jo 2,18. O termo *anticristo* aparece apenas nas cartas de João (1Jo 2,18.22; 4,3 e 2Jo 7), embora haja nas comunidades cristãs primitivas, na literatura judaica a ideia “da vinda de um adversário escatológico de Deus ou de Cristo no fim dos tempos” (Mt 24,23-25; Mc 13,21-23; Lc 21,8-9)¹⁸¹. Em 1Jo, fica nítido que o anticristo é representado pelos que negam a Cristo, são seus opositores.

A perícopre 1Jo 2,18-28 trabalha dois aspectos: o do anticristo e o do Cristo com seu julgamento a respeito do fim. A vinda do anticristo pode ser percebida em dois momentos: primeiro, acontece no presente, após a encarnação de Jesus Cristo e, com isso, a luta efetua-se na história, na comunidade; segundo, acontece no fim dos tempos, na “última hora”¹⁸². Enfim, o autor não deixa claro a qual momento se refere. O que fica claro é que está acontecendo um conflito entre os seguidores de Cristo e os que seguem o anticristo.

O anticristo é compreendido por muitos como o cisma da comunidade cristã, que gerou muito sofrimento na comunidade joanina, porque os membros que romperam com a comunidade renegaram o Cristo (1Jo 2,22-23)¹⁸³. A comunhão é o que identifica os que seguem Jesus Cristo. Contudo, apesar da problemática de todas as questões éticas, o autor é categórico em mostrar que a raiz de todos os problemas consiste em renegar a dimensão salvífica de Jesus e, ao mesmo tempo, renegá-lo como Messias¹⁸⁴. Isso é visto, em 1Jo, como incoerência, porque Jesus é o portador da salvação, o Messias, o Filho de Deus. Os que

¹⁷⁸ SILVANO, 2019, p. 60.

¹⁷⁹ SILVANO, 2019, p. 63.

¹⁸⁰ SILVANO, 2019, p. 65.

¹⁸¹ SILVANO, 2019, p. 67.

¹⁸² SILVANO, 2019, p. 68.

¹⁸³ SILVANO, 2019, p. 69.

¹⁸⁴ SILVANO, 2019, p. 70.

professam a fé em Cristo e receberam a unção conhecem a verdade e permanecem fiéis numa relação que se fundamenta em Jesus, sua dimensão salvífica¹⁸⁵.

A unção, de acordo com o autor, possibilita ao crente a conhecer a verdade. Por esse motivo, é possível identificá-la com o Espírito Santo, ou ainda, pode ser identificada com o anúncio cristão aos iniciados no cristianismo¹⁸⁶. Existe também uma compatibilidade linguística entre unção (*chrisma*), cristo e anticristo, isto é, os unguídos estão para o Ungido, Jesus, assim como os que se afastaram da comunhão com Cristo e o Pai estão para o anticristo¹⁸⁷. Por isso, o autor (1Jo 2,24) exorta os seus a perseverarem na profissão de fé cristã, que se fundamenta em crer no Pai, no Filho e no Espírito.

Os opositores argumentavam de modo enganoso, negando o messianismo de Jesus e a paternidade de Deus. Contudo, professar que Jesus é o Messias, Filho de Deus é uma necessidade para a comunhão com Deus Pai¹⁸⁸. É bastante plausível que, em 1Jo, haja a relação com o Batismo, pois a pessoa liberta do pecado pertencia a Deus.

A palavra *promessa* (*epangelía*) e o seu verbo correspondente (*epangéllomai*) ocorrem apenas em 1Jo 1,5; 3,11. Seu conteúdo refere-se à vida eterna (1Jo 2,15)¹⁸⁹. A vida eterna, para alguns biblistas, tem a ver com a salvação escatológica (1Jo 1,2; 3,15; 5,11.13.20), enquanto para outros significa adesão ao Messias Jesus (Jo 3,14-16.36; 6,40)¹⁹⁰. Logo, relaciona-se à realidade presente. Essas visões não são excludentes. Tem-se o início com a vinda de Jesus e a plenitude no final dos tempos. É fundamental viver em comunhão com Jesus a partir do Batismo. A unção foi recebida nele (1Jo 2,27), daí ser preciso falar de e sobre Jesus com confiança.

Em 1Jo 2,28, o termo *parusia* refere-se à vinda de Jesus no fim dos tempos. É uma seção que enfatiza o aspecto cristológico; logo após, a ênfase está na comunhão da comunidade que tem como alicerce de sua fé o Filho de Deus. Para isso, a comunidade, por meio do Batismo, precisa manter-se unida e fiel, sabendo, contudo, que o batizado não está imune às tentações de deixar a comunhão. Afinal, muitos saíram da comunidade (1Jo 2,18-19). Enfim, a unção recebida no Batismo expressa a comunhão com Deus. Isso se percebe pela comunhão que é constatada (1Jo 2,27): a comunhão que é promessa, tem como marca

¹⁸⁵ SILVANO, 2019, p. 70.

¹⁸⁶ SILVANO, 2019, p. 71.

¹⁸⁷ SILVANO, 2019, p. 72.

¹⁸⁸ SILVANO, 2019, p. 73.

¹⁸⁹ SILVANO, 2019, p. 74.

¹⁹⁰ SILVANO, 2019, p. 74.

permanecer no Pai e no Filho (1Jo 2,24). É a comunhão que se espera definitivamente na parusia (1Jo 2,24.28)¹⁹¹.

Esta perícopé da 1Jo tem como objetivo apresentar uma mensagem que é profundamente cristológica. Para isso, três argumentos são fundamentais: sem o Filho é impossível a comunhão com o Pai (1Jo 2,22.23); sem ele não há vida eterna; é preciso acreditar na identidade de Jesus como Messias Filho de Deus, ou seja, na sua parusia¹⁹².

¹⁹¹ SILVANO, 2019, p. 76.

¹⁹² SILVANO, 2019, p. 76-77.

3. “EU SOU A LUZ DO MUNDO”

Em Jo 8,12, Jesus apresenta-se como luz do mundo. Em Jo 9,5, diz isso em relação ao sinal a ser realizado. O sinal concretiza-se na cura do homem cego de nascença. Entretanto, tem-se um dado muito particular na realização desse sinal, conforme o evangelista: evidencia-se que os verdadeiros cegos são os líderes religiosos (fariseus), enquanto que homem curado progride na fé, representando a comunidade cega que chega à fé, enquanto, em contrapartida, os fariseus decrescem no modo de enxergar, tornando-se cegos.

3.1 Uma reflexão sobre Jo 8,12

3.1.1 O contexto de Jo 7–8

A luz é imprescindível para que a vida continue. Além disso, ilumina o intelecto do ser humano, amplia horizontes. Jesus, ao revelar-se luz, torna-se fonte, plenitude da vida. Por esse motivo, na perspectiva bíblica, haverá um momento, no fim de tudo, em que a luz reinará com total soberania sem a existência das trevas. No entanto, o testemunho de Jesus, dado de si mesmo, como luz do mundo (Jo 8,12), não é aceito pelos fariseus. Porém, o testemunho dele está unido ao Pai e, desta maneira, o testemunho é dos dois (Jo 8,16). Fica evidente que Jesus, a luz, brilha nas trevas e as vencerá.

Os capítulos 7 e 8 devem ser considerados em conjunto, porque trazem elementos comuns: “conflito com a família, ensinamento no Templo, desconfiança dos notáveis.”¹ João é profundamente marcado pelo conhecimento espiritual. Com isso, suas palavras pronunciadas nesse contexto são muito elevadas dentro do Quarto Evangelho e sua proclamação do *Eu Sou* deixa claro a consciência que Jesus tem do seu ser divino anunciado no Prólogo.

O texto narrativo, que compreende Jo 7–8, reflete sobre duas situações: a primeira, a do passado – o embate de Jesus com as autoridades judaicas durante seu ministério na cidade de Jerusalém; a segunda, a controvérsia da época do evangelista que era marcada pela forte oposição entre o judaísmo oficial e os discípulos de Jesus². O escrito do evangelista se dá em um contexto de dor, de ruptura com a sinagoga. A adesão a Jesus Cristo, luz do mundo, o enviado do Pai, era vedada, a exclusão aparece como uma marca muito forte.

¹ LÉON-DUFOUR, 1996b, p. 146.

² LÉON-DUFOUR, 1996b, p. 146.

Jesus tinha subido duas vezes a Jerusalém (Jo 2,13; 5,1), isso fez com que se tornasse conhecido, bem como recebesse ameaças (Jo 4,1-3; 5,16-18). Essas ameaças determinam o clima do encontro. Porém, quanto à decisão da chegada da hora do Filho, quem conduz é o Pai. O encontro conflitivo de Jesus com seu povo acontece no Templo, lugar que chamou de a casa de seu Pai (Jo 2,16). Foi também nesse lugar que curou o enfermo (Jo 5,14). É o lugar onde ensinar (Jo 7,14.28.37; 8,12.20). É o lugar onde tentarão apedrejá-lo. Por isso, sai do Templo; como não pensar que o Pai sai junto com Jesus? Eis o motivo pelo qual abandona a Judeia, indo para além do Jordão (Jo 10,40).

A unidade de tempo, nos capítulos 7 e 8, sugere que o ambiente continua sendo o mesmo, a saber, o da festa das Tendias (Jo 7,2.10.14.37), festa da água (Jo 7,37) e festa da luz (Jo 8,12)³. A festa é de origem agrícola, celebra a colheita no outono (Ex 23,16); nesse período, as pessoas habitavam em cabanas feitas com folhagens, com o objetivo de relembrar o momento dos hebreus no deserto, quando saíram do Egito (Lv 23,42-43). As pessoas eram orientadas a pedir chuvas no ano que estava iniciando. No século I, celebravam, nessa festa, o rito da luz⁴.

Jesus, sozinho frente aos judeus, iluminado pela consciência de unidade que tinha com o Pai, aparece completamente livre. Posteriormente, outros grupos de personagens aparecem: os irmãos, a multidão, pessoas de Jerusalém, as autoridades, os fariseus, sacerdotes, os guardas do Templo⁵. Nicodemos é uma exceção no meio dessas pessoas com sentimentos confusos e diversos (Jo 7,50). As pessoas, por sua vez, se dividem em grupos com opiniões diferentes. Já os guardas ficam impressionados com a fala de Jesus, não o prendem, o que desperta a ira dos judeus. Estes interlocutores fecham-se em suas estruturas de pensamentos já formadas, não estão dispostos a acolher o diferente. Contudo, o protagonista no capítulo 7 é chamado de Deus e, no capítulo 8, de Pai.

Jesus subiu ao Templo e, durante a festa, começou a ensinar. A pergunta se ele é o Cristo aparece três vezes (Jo 7,26.31.41), percorrendo todo o capítulo. Essa pergunta surge da multidão que, no entanto, discute sobre Jesus ser de origem galileia, o que é questionado por causa da tradição messiânica (Jo 7,27) ou partindo da Escritura (Jo 7,42). Eis a aporia⁶. Jesus não responde claramente, só afirma que é o Cristo. Enquanto isso, as autoridades ficam furiosas com os guardas, que foram seduzidos pela fala de Jesus. Também ficam incomodados

³ LÉON-DUFOUR, 1996b, p. 148.

⁴ LÉON-DUFOUR, 1996b, p. 149.

⁵ LÉON-DUFOUR, 1996b, p. 149.

⁶ LÉON-DUFOUR, 1996b, p. 157.

com a fala de Nicodemos, que se mostra preocupado com a objetividade da situação. Numa visão bem joanina, Jesus orienta os ouvintes para que o reconheçam no seu dizer (Jo 7,14-18), no seu fazer (Jo 7,21-24), mostrando que sua origem é do alto, que é enviado da parte de Deus (Jo 7,28-29).

O testemunho que Jesus dá de si como a luz do mundo (Jo 8,12) não é aceito pelos fariseus. Contudo, diz que seu testemunho está unido ao Pai, ou seja, são dois que dão testemunho (Jo 8,13-19). Em seguida, o narrador coloca o embate dentro do Templo, lugar em que os israelitas encontravam Deus. Aí se insere a evocação da morte de Jesus que se aproxima, para manifestar sua fidelidade total ao Pai (Jo 8,21-29).

A subunidade Jo 8,12-20 está envolta pela expressão *Jesus declarou (elálēsen)*. A revelação de Jesus consiste não apenas no anúncio da luz, mas a tudo o que dirá aos fariseus logo a seguir. A revelação de Jesus é a de que ele é *a luz do mundo*, é nele que o discípulo recebe *a luz da vida* (8,12). A metáfora da luz, aplicada a Jesus, é que dá o tom em todo o capítulo⁷. Na festa das Tendias havia o rito da água e também o rito da luz, que era composto por uma procissão feita com tochas, que indicavam a luz prometida a Israel, quando chegasse o dia da vinda do Messias. Ao apresentar-se no Templo como luz, Jesus afirma que o dia esperado chegou.

Com efeito, ao falar de luz do mundo, Jesus faz ecoar a tradição profética de que o Messias deveria iluminar Israel e todas as nações. A luz é uma imagem que o evangelista João usa desde o Prólogo. Sua presença requer acolhida ativa de seus destinatários, que ultrapassa uma adesão pura e simplesmente intelectual⁸. Por esse motivo, a treva que aparece como oposição à luz não é nada. Todavia, o desconhecimento de Deus significa afastamento dele. Se o homem quer ter comunhão com Deus precisa seguir a luz. Jesus, que vem do alto, está em comunhão com o Pai. Ele é o modelo a ser seguido tornando-se aquilo que todo homem é chamado a ser. O episódio do cego de nascença deixará isso muito claro.

3.1.2 O testemunho de Jesus é verdadeiro

A partir de Jo 3,18, acontece o aprofundamento do verbo julgar/condenar que apareceu em Jo 3,17: quem adere a Jesus não é condenado por ele, mas quem não crê condena-se a si mesmo. Tal reflexão não se refere aos que não conhecem a Jesus, mas aos que o conhecem e recusam-se a aceitá-lo. Para quem recusa esse dom, a luz atua como julgamento (Jo 9,41;

⁷ LÉON-DUFOUR, 1996b, p. 187.

⁸ LÉON-DUFOUR, 1996b, p. 188.

12,34). Contudo, quem pratica a verdade, é leal para com Deus e para com os irmãos, aproxima-se da luz, de Jesus⁹.

Jesus fala de alguém que dá testemunho sobre ele e diz que seu testemunho é verdadeiro. Pode-se pensar, em um primeiro momento, em João Batista, só que este último é uma testemunha em nível humano, uma lâmpada que brilhou por um período determinado (Jo 5,35); isso é importante, mas João não se configura como sendo *a Luz*¹⁰. Aquele que dá testemunho de Jesus é o próprio Pai, que o enviou.

Em Jo 8,12, Jesus se autoproclama a luz do mundo, por ocasião da Festa dos Tabernáculos, festa da água (Jo 7,37-39) e festa da luz (Jo 8,12). E diz mais: quem o seguir não andará nas trevas, porém terá a luz da vida. Nessa festa, todo o pátio é iluminado por enormes candelabros¹¹. Ao dizer que é a luz do mundo, “a própria pessoa de Jesus é a manifestação daquilo que o símbolo da luz quer dizer”¹². A expressão bíblica, por sua vez, designa realidade divina tanto no evangelho (Jo 1,3-5) quanto nas cartas joaninas (1Jo 1,5). A imagem da luz é bastante antiga no mundo bíblico, tanto que a luz é a primeira criatura de Deus (Gn 1,3), ela é vida, nela vemos Deus, é ela que, enquanto está no mundo deve ser seguida (Jo 8,12), deve-se caminhar nela (Jo 9,5; 12,35-36; 12,46).

Jesus, como luz, ultrapassa o próprio sentido de luz pensado pelo judaísmo, reunido na sua festa de significado tão importante. O mundo ganha sentido de dimensão universal, em todas as nações pode haver discípulos de Jesus¹³. Como se nota, os judeus levantam a questão sobre a forma da autoproclamação de Jesus como água viva e luz do mundo, mas quando ele dá testemunho de si mesmo, para eles não tem validade jurídica, até porque a lei exige que duas pessoas deem testemunho.

No entanto, Jesus os contrasta dizendo que não conhecem a realidade de seu testemunho, que é verdadeiro. Essa verdade ultrapassa o ponto de vista humano, e tem sua origem em Deus. O leitor já sabe disso, sabe que Deus dá testemunho do que ele enviou. Mais uma vez, ironicamente, o evangelista mostra que a discussão acontece no pátio do Templo, no depósito das doações, isto é, os judeus conhecem o tesouro do Templo, mas não conhecem o Pai, tanto menos, o seu enviado¹⁴.

⁹ KONINGS, 2005, p. 117.

¹⁰ KONINGS, 2005, p. 141-142.

¹¹ KONINGS, 2005, p. 180.

¹² KONINGS, 2005, p. 181.

¹³ KONINGS, 2005, p. 182.

¹⁴ KONINGS, 2005, p. 183.

No entanto, em Jo 8,21, fica claro que os judeus não poderão chegar onde estará Jesus, como também morrerão em pecado, porque recusam a luz que vem de Deus. Isso é um paradoxo irônico, uma vez que o sistema religioso visava, como foco principal, a reconciliação com Deus. Dizer que morrerão em pecado significa dizer que o sistema religioso é inútil¹⁵. Jesus convida a todos para experimentarem o mundo novo, o mundo destinado por Deus. Por esse motivo, apela para que se convertam, do contrário morrerão sem conseguir colocar em prática o que a religião deles busca, a reconciliação com Deus.

3.2 Jesus como luz do mundo (Jo 9,5) no conjunto de Jo 9,1-7

3.2.1 A narrativa do sinal

O sucinto termo *ao passar*, em 9,1, está em consonância com as palavras de Jo 8,59 (Jesus saiu do templo), embora o contexto dê a impressão de ser diferente. O enlace com o trecho anterior é feito pela conjunção *e*, também, pelo fato da realização do sinal que vai visibilizar o que foi dito no cap. 8. A localização (próximo ao templo) e a piscina lembram a cura de um homem enfermo quase a vida toda (piscina de Bezata, Jo 5,1-9). O lugar é mais bem definido ainda quando os vizinhos do cego e outras pessoas dizem que sentava-se à porta do templo, com outros mendigos, pedindo esmolas (Jo 9, 8).

A conversa de Jesus com os discípulos é esquemática. Só a pergunta feita e a resposta de Jesus apresentam aspectos da tradição joanina (Jo 9,2-3)¹⁶. Semelhantemente, em Jo 5,14, o homem enfermo há vários anos parece ter sofrido castigo por causa dos seus pecados. João não disse nada, nesse caso, de modo mais claro, sobre a origem do pecado. E o que agora diz sobre o cego de nascença contradiz o judaísmo, que via um vínculo direto entre doença e pecado. Outra concepção vigente era a de que as crianças pagavam pelos pecados de seus pais. Jeremias e Ezequiel rejeitavam esse pensamento, como fora dito no capítulo anterior¹⁷. Por trás desse pensamento, estão os questionamentos de grupos dos seguidores de Jesus que refletiam sobre a situação (Jo 14,8.22)¹⁸. O Jesus de João não dá esclarecimento sobre todos os sofrimentos terrenos, porém, ao curar o cego, ele mesmo torna-se um sinal de esperança, luz do mundo. Deus realiza suas obras em Jesus, glorifica o Filho bem como a si mesmo. A missão de Jesus é revelar a vontade salvífica do Pai.

¹⁵ KONINGS, 2005, p. 184.

¹⁶ SCHNACKENBURG, 1980, p. 303.

¹⁷ Essa mesma reflexão sobre a crítica feita por Jeremias e Ezequiel aparece em Malzoni (MALZONI, 2018, p. 180).

¹⁸ SCHNACKENBURG, 1980, p. 303.

A missão de Jesus é a de realizar as obras do Pai (Jo 9,4). Jesus sempre diz que o Pai o enviou, do mesmo modo, ele envia seus discípulos (Jo 13,20; 17,18; 20,21)¹⁹. Assim, os discípulos precisam testemunhar, proclamar a obra de Jesus (Jo 15,20). Para isso, é preciso disposição divina, porque enfrentarão diversos problemas, entre eles, incompreensões e perseguições. Jesus diz que é necessário trabalhar enquanto é dia, porque, quando a noite chegar, isso será inviável – e sua hora se aproxima (Jo 12,23.35). Essa hora pode dar-se de diversos modos: pela morte, pelo curso da história, por impedimentos alheios. Enfim, é urgente escutar a voz de Deus.

Depois de falar sobre a obra de Deus, Jesus fala do significado do que vai fazer (Jo 9,5). Sua missão é ser luz do mundo, enquanto está no mundo. Ele cumpre a vontade do Pai (Jo 7,30; 8,20), pois essa é a forma pela qual foi chamado a atuar (Jo 5,17; 11,8ss) e, com isso, quanto mais a hora se aproxima, mais Jesus convida à fé (Jo 12,36)²⁰. Jesus tem pressa para realizar a ação salvífica, nada pode limitar a sua palavra que é luz do mundo, tanto é que a expressão encontra-se no tempo presente. A fórmula *eu sou* não aparece completa, embora seu sentido seja percebido²¹; bem como não se fala de promessa porque se cumpre no próprio sinal.

No ato de fazer o barro e colocá-lo nos olhos do cego, Jesus não fala uma palavra, não realiza nenhum gesto aproximativo (Jo 9,6). Após as palavras dos discípulos, imediatamente, realiza a cura do cego. A saliva pode revelar um elemento primitivo do relato tradicional (Mc 7,33; 8,23), mas a cura é operada por Jesus (Jo 9,11.15.26-27). O barro amassado configurar-se-á na transgressão do sábado, isso porque encontra-se entre os trinta e nove trabalhos proibidos²². Em Jo 9,7, o pedido de Jesus ao cego de nascença foi cumprido imediatamente, sem resistência, inclusive esse fato faz lembrar o homem de Jo 4,50, que, à palavra de Jesus, imediatamente voltou para junto de seu filho que havia deixado em casa, enfermo.

Outros relatos milagrosos de João apresentam estrutura semelhante à da cura do cego de nascença: o lugar, o modo concreto como Jesus se comporta. O evangelista parte de algo aparentemente simples, mas o expõe de modo amplo, como por exemplo em Jo 11. João configura as tradições ao seu modo. Entende-se que o evangelista analisa em cada caso o conteúdo cristológico que se apresenta. Isso acontece no milagre do vinho em Caná, numa cura à distância, em Jo 4, e na cura do paralítico da piscina de Bezata. Percebe-se que o

¹⁹ SCHNACKENBURG, 1980, p. 304.

²⁰ SCHNACKENBURG, 1980, p. 305.

²¹ SCHNACKENBURG, 1980, p. 305.

²² SCHNACKENBURG, 1980, p. 306.

simbolismo de Jesus como luz do mundo partiu de um fato concreto. Em Jo 5,20, Jesus fala de obras maiores do Filho e do testemunho que pretende para si, enquanto que, em Jo 9, o valor testemunhal se apoia em cenas anexas, e isso levando em conta a situação histórica da época do evangelista e sua comunidade²³.

Para um melhor desenvolvimento e valorização dos relatos, o evangelista diz, em Jo 5,9 e 9,14, que as curas aconteceram em dia de sábado. Supõe-se que esse dado não esteja na tradição do acontecimento, contudo, tal proceder torna mais significativo o fato²⁴. A historicidade do relato configura-se em um problema, uma vez que não é possível comprovar a hipótese da fonte²⁵. Nos sinóticos o problema é o mesmo. O historiador, leitor, perceberá em João que os milagres se dão de modo pleno: o milagre do vinho, do enfermo de trinta e oito anos, o cego de nascimento, até a ressurreição de um morto. E fica evidente que Jesus toma a iniciativa do milagre. Mesmo tendo evoluído, há um núcleo que se conserva na tradição, ainda que desgastado pelo uso da repetição. Como garantia histórica, fala-se de Siloé, da circunstância do fato²⁶. Aqui, no exame semântico, não é o lugar de discutir os elementos históricos.

É comum nos sinóticos as pessoas que receberam o milagre terem uma reação sobre o prodígio. Em Jo 9, isso é substituído pela reação de diversos grupos menores: fariseus, vizinhos, pais, pois o objetivo é o testemunho em favor de Jesus. Aparecem questões sobre a identidade do curado, o modo como se deu a cura, a consequência teológica. A identidade é revelada por alguns conhecidos, pelo próprio curado e por seus pais. O modo como aconteceu a cura é descrito pelo ex-cego, várias vezes, sem entrar em contradição. E o debate teológico parte da problemática do sábado, aprofundando o fato de Jesus ser um homem de Deus ou não, pecador ou grande taumaturgo. Enfim, aparece na cena a disputa judeu-cristã (Jo 9,28) na alusão à expulsão da sinagoga (Jo 9,22) que é executada na pessoa do curado (Jo 9,34-38), bem como na argumentação do cego contra os fariseus (Jo 9,31-33)²⁷.

3.2.2 O cego é a ovelha que escuta a voz do Bom Pastor

Retomemos a narrativa no fim de Jo 9. Jesus, ao sair do Templo, vê um cego de nascença, cura-o obtendo dele a fé, porém, os fariseus, tendo suas cegueiras denunciadas,

²³ SCHNACKENBURG, 1980, p. 308.

²⁴ SCHNACKENBURG, 1980, p. 308.

²⁵ Schnackenburg se refere à hipótese da “fonte dos sinais” (*semeia*), hoje sempre mais abandonada (p.ex. por Beutler).

²⁶ SCHNACKENBURG, 1980, p. 309. Isso porém é questionável, porque Siloé é um nome altamente simbólico.

²⁷ SCHNACKENBURG, 1980, p. 310.

retrucam firmemente. Por isso, Jesus apresenta-se em um discurso subsequente como o Bom Pastor. Vê-se que Jo 9–10 constitui uma sequência: a audiência de Jo 10 é a mesma de Jo 9. O cego é o que escuta a voz do Bom Pastor. Jesus é o Bom Pastor, os intrusos no redil são os chefes da sinagoga que expulsaram o ex-cego. Esse episódio encontra-se na sequência de Jo 7–8 e ilustra Jo 8,12, quando Jesus manifesta-se como a luz do mundo. O processo contra Jesus está claro em Jo 5–8 e desloca-se no capítulo 9 para o cego miraculado²⁸.

No Antigo Testamento a cegueira era vista, metaforicamente, como consequência do agir humano, como fruto do pecado. O fracasso da missão, conforme Jeremias e Ezequiel (Jr 5,21; Ez 12,2), retomando Isaías (Is 6,9-10), relaciona-se a essa cegueira. É justamente dessa cegueira que os fariseus são acometidos (Jo 9,39; 12,40); ela dá-se quando o sinal é contestado, mas o que acontece com o cego de nascença equipara-se a um nascer do alto (Jo 3,3)²⁹.

Em João, assim como em Marcos, a situação milagrosa surpreende porque em ambos ocorre o uso da saliva, que era utilizada na antiguidade como prática medicinal, porém, em João o que opera é o uso da lama nos olhos do cego. O gesto de *fazer lama* é mencionado em Jo 9,6.11.14.15 e será o pivô que os fariseus denunciarão por causa do trabalho em dia de sábado (Jo 9,15s; 9,24). Normalmente os sinais de Jesus em João se dão pela palavra, mas o uso do barro reforça a enfermidade. Tal relato faz lembrar da criação do homem no livro do Gênesis, o ser que crê, e ainda, a lama (*pēlós*) pode significar sepultamento do homem que não pode salvar-se, é prisioneiro das trevas³⁰. Somente acolhendo a ordem de lavar-se é que o homem recebe a visão. Outro detalhe relevante é o lugar: somente Siloé é nomeada na perícope. O referido lugar é uma piscina que foi construída pelo rei Ezequias (por volta de 740 a.C.) no fim de um túnel que levava a Jerusalém as águas do riacho Gion³¹. O rito da festa das tendas possuía dimensões messiânicas: em procissão tirava-se solenemente água desse reservatório da cidade. O povo era censurado por Isaías por desprezar essas águas (Is 8,6). Siloé, o “Enviado”, realiza-se em Cristo. Por isso, quando o cego volta vendo, pode-se vislumbrar uma dimensão batismal³².

Jesus em Jo 9,5 fala sobre o objetivo de sua missão que é manifestar-se ao mundo como luz divina, mostrar o efeito dessa luz quando aceita e quando rejeitada. O termo *este mundo* (Jo 9,39) designa o lugar dominado pela escuridão. Daí a importância do termo *kríma*

²⁸ LÉON-DUFOUR, 1996b, p. 225.

²⁹ LÉON-DUFOUR, 1996b, p. 231-232.

³⁰ LÉON-DUFOUR, 1996b, p. 232.

³¹ LÉON-DUFOUR, 1996b, p. 233.

³² LÉON-DUFOUR, 1996b, p. 234.

(*discernimento*), que mostra os dois efeitos da luz: receber a visão ou tornar-se cego³³, isso porque, no Enviado, a luz é completamente soberana. Por isso o ver e o não ver assumem dimensões espirituais que foram prefiguradas na linha dos profetas. A contraposição entre saber concreto e saber espiritual, visão física e visão espiritual, evidencia a importância da luz; o perigo é fechar-se o espaço para a iniciativa de Deus.

3.2.3 Jesus, passando, viu o homem que não via

Não há nova coordenada espacial ou temporal em Jo 9,1. É bastante provável que o autor não tenha pretendido chamar a atenção sobre o que é secundário; além disso o contexto é o mesmo da festa das Tendas, em Jerusalém e no espaço do Templo³⁴. No início do capítulo 9, é realçado que Jesus, passando a pé, viu um cego de nascimento. Esse tipo de encontro é um tema recorrente desde o Prólogo, algo semelhante aconteceu com Jesus e Nicodemos (Jo 1,13; 3,5). Trata-se do acesso do homem à fé. Como a geração por Deus aventada no caso de Nicodemos, assim, no caso do cego curado, a menção à piscina faz alusão ao Batismo que se refere a essa realidade fundamental.

Os discípulos situam a cena em meio a um embate (Jo 9,2) que busca a causa do sofrimento, da enfermidade que atribuem ao pecado e, nessa perspectiva, resta saber se o pecado é do indivíduo acometido pela enfermidade ou dos seus pais. De toda sorte, busca-se a relação causa-efeito, acontece a tentativa de estabelecer a origem da enfermidade no tempo.

Todavia, Jesus não aceita essa reflexão, recusando-se a buscar a causa da enfermidade no passado, seja nos pais ou de qualquer outra pessoa (Jo 9,3-5). Ele entende que o presente não é condicionado por um passado de pecado e, ainda, vislumbra o futuro com um olhar positivo, as obras de Deus manifestar-se-ão no sofrimento. É nesse contexto que Jesus manifesta-se como luz do mundo.

Em Jo 9,4, retoma-se a ideia que brota desde o *nós* de Jesus dirigido a Nicodemos (Jo 3,11), posteriormente à Samaritana (Jo 4,22) e, também, o *Eu* de Jesus pode ser compreendido como *Nós*: o *Eu* do Filho é compreendido como o *nós* eclesial³⁵. Os discípulos entendem que os feitos e os ditos de Jesus são universais, que o mestre não substitui a Torá, apenas levanta aporias sobre a sua aplicabilidade.

³³ LÉON-DUFOUR, 1996b, p. 241.

³⁴ SIMOENS, 1997, p. 387.

³⁵ SIMOENS, 1997, p. 388.

O texto insiste no carácter pessoal e corporal do gesto, pois tudo procede de Jesus, sobretudo a unção, ou seja, ele é o autor ungido que unge. O nome da piscina, Enviado, passa de uma dimensão que se encontra na voz passiva ao próprio Jesus (Jo 3,17; 4,25; 5,24.30.36; 6,29.38.44.57; 7,16.18.28.29.33; 8,16,18.26.29.42; 9,4)³⁶. Por esse motivo pode surgir a seguinte pergunta: como Jesus envia o cego a si mesmo? Ele ordena ao cego que vá à piscina que leva seu nome messiânico, onde sua ação sentir-se-á pelo batismo. O mesmo simbolismo apareceu no diálogo com Nicodemos³⁷. Logo, por obedecer ao mandato de Jesus o cego recupera a visão.

3.2.4 A enfermidade como auxiliar na realização do sinal

Após uma indefinida situação de clandestinidade (8,59), Jesus circula em torno do Templo pelo lado de fora, encontra um homem cego de nascimento, que costumava mendigar na porta do Templo³⁸. Os discípulos acompanham Jesus, aprendem, com ele, uma lição, pois perguntam de quem é a culpa, o pecado, para que aquele homem estivesse naquela situação. O texto mostra que a misericórdia de Deus está acima dessa pergunta, é infinita, ademais, os profetas já haviam rejeitado a ligação entre sofrimento e pecado dos pais; as pessoas estão sujeitas a acidentes da natureza.

Com efeito, na enfermidade importa mais o para quê e menos o porquê. Nesse caso, a enfermidade servirá para mostrar as obras de Deus pela ação de Jesus que se manifesta como luz do mundo. Assim, a cegueira física pode revelar a cegueira espiritual. O fazer as obras do Pai inclui os discípulos e a comunidade eclesial (*façamos*), inclui também a pressa (*enquanto estou no mundo*), porque Jesus manifesta-se ao mundo em vida, a morte que se aproxima tentará impedi-lo de brilhar. O cego, obediente a Jesus, lava-se no local que quer dizer *Enviado*, ou seja, purifica-se em Jesus. Esse lavar-se é uma invocação direta ao Batismo que acontecia em nome de Cristo, inserindo a pessoa na vida cristã que, nos primeiros tempos, era chamado de *phôtismós* – iluminação – o que faz com que a pessoa seja transformada em nova criatura³⁹. Logo, foi a manifestação de Jesus como luz do mundo que tornou tudo isso possível.

³⁶ SIMOENS, 1997, p. 389.

³⁷ SIMOENS, 1997, p. 389.

³⁸ KONINGS, 2005, p. 197.

³⁹ KONINGS, 2005, p. 198.

3.2.5 Relação entre sofrimento e pecado

Jesus coloca a doença em um segundo plano, pois, para ele, a doença tem um significado no plano de Deus, ela muda da dimensão do pecado para a dimensão da salvação, lugar da manifestação das obras de Deus. Ao que parece, o que mais importa é que Jesus mostra sua independência sobre a lei do sábado, em um enfrentamento com a tradição farisaica⁴⁰. Esse é o ponto da polêmica que se seguirá.

3.2.6 A finalidade da cegueira na pessoa do cego de nascença

Jesus rejeita a busca de motivos para a cegueira daquele homem, porém leva seus discípulos a refletirem sobre o futuro, mostrando-lhes que aquela cegueira tem por finalidade revelar a glória de Deus que se manifestará no cego (Jo 9,3), ou seja, a ação providente de Deus se manifestará na história por meio de Jesus, dando início ao cumprimento escatológico⁴¹.

Como já vimos, a piscina como lugar da cura merece atenção, porque está em Jerusalém entre os vales da Geena e do Cedron, para onde a água corre da fonte Gion, por meio de um canal construído por ordem do rei Ezequias no século VIII a.C. (2Rs 20,20; 2Cr 32-30)⁴². É a piscina do Enviado, que tem sentido cristológico forte, pois ela traz o nome de Jesus, o Enviado, que é a luz do mundo (Jo 9,5).

3.2.7 A luz ameaçada pelas trevas

Há paralelos da cura de cegos em outras passagens (Mc 8,22-26; 10,45-52). Porém, para aprofundar o aspecto teológico, o homem é cego de nascença, passa a enxergar a partir do encontro com o Cristo. Em Jo 9,2-3, a pergunta dos discípulos sobre de quem era a culpa extrapola o quadro habitual de milagre. Esse tema será retomado em Jo 9,41, formando a moldura do relato. As obras de Jesus são realizadas em plena luz do dia, ou seja, enquanto está vivo. Desde o primeiro sinal (Jo 2,1-11), Jesus fala da sua hora. Isso fica muito claro com o último sinal (Jo 11,1-44)⁴³.

⁴⁰ MAGGIONI, 2006, p. 381.

⁴¹ CASALEGNO, 2009, p. 290.

⁴² CASALEGNO, 2009, p. 291.

⁴³ BEUTLER, 2015, p. 237.

Na teologia da revelação de Jesus em João, a cura respeita a caminhada da medicina popular: faz-se barro com a saliva (paralelo em Mc 8,32), lava-se em Siloé⁴⁴. Para João, Jesus não é apenas o Messias de Israel, ele é a luz do mundo (Jo 9,5)⁴⁵. Essa luz é ameaçada pelas trevas. Percebe-se que Jo 9 é um prenúncio da Paixão. Na ressurreição de Lázaro aparecem, no mesmo campo semântico, dia, noite e luz. Logo, compreende-se que o termo *luz* é uma metáfora da luz da fé. E juntamente com as trevas, encontra-se o pecado.

3.3 A luz do mundo e no mundo

Jesus ao revelar-se como luz do mundo, mostra que “por ele o discípulo obterá ‘a luz da vida’ (cf. 1,4)”⁴⁶. Essa metáfora determina a semântica do capítulo. Ela desaparece de Jo 8 após a manifestação, em Jo 8,12, e retornará, em Jo 9,5.

3.3.1 O Enviado e sua comunidade são estranhos ao mundo

O evangelho de João é amplo, faz uso de arquétipos e símbolos que possuem um alcance bastante universal, inclusive, alcançando nossa experiência nos dias de hoje. O escrito joanino ultrapassa a realidade da sua comunidade, reflete o conflito entre os cristãos e autoridades judaicas, mas não se refere exclusivamente a isso e, muito menos, é um escrito antijudaico⁴⁷. Por isso, desliza para categorias que possuem um maior alcance: mundo, trevas. Quando trata de Judas, um dos Doze discípulos, aproveita e fala do chefe deste mundo. A partir de realidades particulares, passa para a realidade universal que alcança os leitores de todos os tempos. O evangelista facilmente ilumina outras circunstâncias que estão para além de seu horizonte histórico.

Esses aspectos pertencentes a uma realidade mais abrangente são chamados de *o mundo* (*kósmos*). Basicamente esse termo é aplicado à criação e, especificamente, à humanidade, que é a destinatária da salvação divina. Entretanto, muitas vezes *mundo* tem um sentido hostil, porque uma parcela do mundo resiste à ação generosa de Deus em seu favor e rejeita o Enviado, como também rejeita a sua comunidade. “Por isso, tanto o Enviado como a

⁴⁴ BEUTLER, 2015, p. 238.

⁴⁵ BEUTLER, 2015, p. 239.

⁴⁶ LÉON-DUFOUR, 1996b, p. 187.

⁴⁷ KONINGS, 2005, p. 36.

comunidade são estranhos para esse ‘mundo’, estão no mundo, mas não são do mundo, não lhe pertencem, não lhe são subservientes”⁴⁸.

Quanto ao *mundo* (no sentido hostil), não se identifica com o sistema político do Império Romano, tampouco com o sistema econômico social e, menos ainda, com o sistema global ou religioso⁴⁹. O mundo é isso também, mas não só: configura-se como o opositor de Deus, o que divide. Aparecem várias estruturas, vários modos de organização, porém que não definem o conceito de mundo em sua totalidade, por ser mais amplo.

3.3.2 Panorama do mundo espiritual e cultural do Quarto Evangelho

O panorama do mundo espiritual e cultural do Quarto Evangelho estudado no último meio século mostra uma mudança de ênfase. Ora o mundo joanino tem sido identificado com o helenismo, ora com a gnose, ora com o judaísmo daquele tempo: “as antíteses ‘carne/espírito’, ‘coisas celestes/coisas terrenas’, ‘de cima/de baixo’, como também o adjetivo ‘verdadeiro’ em oposição a ‘aparente’”⁵⁰, parecem fazer eco a um platonismo vulgarizado, presente naquele ambiente judaico.

O evangelho joanino oferece várias possibilidades quanto à sua ambientação, não se pode privilegiar uma possibilidade em detrimento de outras, isso seria um erro, por dois motivos: primeiro, o mundo espiritual na época de João estava em ebulição, uma fermentação da qual surgiam recortes de diversas matizes; segundo, é possível que o evangelista quisesse se comunicar com diversos interlocutores⁵¹. Logo, não dá para fechar a questão em uma visão unilateral.

3.3.3 O embate da luz com as trevas

Jo 9 é um aprofundamento de Jo 8,12, quando Jesus afirmou ser a luz do mundo e disse que quem o seguir não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida; essa luz (Jesus) entra num embate com as trevas (lideranças político-religiosas)⁵². Na cena de Jo 9,1-5, aparecem três personagens: Jesus, o cego de nascimento e os discípulos de Jesus.

⁴⁸ KONINGS, 2005, p. 37.

⁴⁹ KONINGS, 2005, p. 37.

⁵⁰ MAGGIONI, 2006, p. 263.

⁵¹ MAGGIONI, 2006, p. 263.

⁵² BORTOLINI; BAZAGLIA, 2001, p. 97.

Os responsáveis pela cegueira do povo aparecerão no final do capítulo. A missão de Jesus e dos seus discípulos será a de praticar as obras do Pai (Jo 9,4). Jesus provoca a todos a participarem da missão que visa curar as cegueiras que impedem o povo de ser livre.

Na cena de Jo 9,6-7, Jesus ao cuspir no chão faz barro, coloca nos olhos do cego e o manda lavar-se na piscina de Siloé. Essa ordem e seu cumprimento fazem nascer um novo homem conforme a criação em Gn 2,7⁵³. O nome da piscina – Enviado – recorda Jesus e a missão que ele deve cumprir. A manifestação da luz faz com que o cego curado, representante de todo o povo, passe a enxergar ao optar por Jesus.

3.3.4 Os dois significados diferentes de “mundo” em João

No Quarto Evangelho, o conceito *mundo* aparece 77 vezes⁵⁴ com um significado, muitas vezes, neutro ou positivo⁵⁵. As expressões que aparecem em forma de paralelismo no Prólogo Jo 1,3 e 1,10 equivalem à totalidade das coisas, dos seres e formam o ambiente no qual o ser humano vive; a realidade mundana em seu todo compõe a totalidade da criação, as pessoas e, no que diz respeito aos seres humanos, citamos como exemplo Jo 1,4.9; 2,25; 17,6, porque o mundo sentido e visto é entendido no ser humano.

O Pai e Jesus amam o mundo, todavia há uma resistência por parte do ser humano em aceitar o plano salvífico de Deus, pois como está no Prólogo, o mundo não o conheceu (Jo 1,10). A rejeição ao Verbo encarnado, expressão máxima do amor de Deus, foi compreendida como uma força hostil, inimiga de Deus; os crentes devem lutar contra ela. Por isso, a palavra *mundo* ganha conotações negativas, é sempre acompanhada do ser humano, indicando distanciamento, separação de Deus. Não se quer dizer com isso que a realidade mundo seja má por si; no entanto fez uma opção moral contrária a Deus manifestado em Jesus, porque, ao rejeitar Jesus e sua manifestação, a opção feita foi o afastamento de Deus: negou-se a sua ação providente (Jo 17,25)⁵⁶.

O termo *mundo* usado pelo evangelista João tem dois significados diferentes, um positivo e um negativo, todavia, não são dicotômicos: a perspectiva negativa encontra-se dentro da positiva, pois os seres amados por Deus o rejeitam, recusam seu amor, isso aparece no conflito entre Jesus e seus opositores. Nesse mundo identificado por eles falta liberdade,

⁵³ BORTOLINI, 2008, p. 98.

⁵⁴ CASALEGNO, 2009, p. 146. BROWN, 2020, p. 809, menciona 78 vezes; MORGENTHALER, 1958, p. 114, menciona 78 vezes.

⁵⁵ CASALEGNO, 2009, p. 146.

⁵⁶ CASALEGNO, 2009, p. 147.

sobra alienação, vive-se de aparência (Jo 3,19; 8,34.44). Por causa disso, o autor relaciona o mundo com o pecado, a treva e a morte (Jo 5,24; 8,51-52; 12,46-47; 16,9), declara-o fechado ao transcendente, o que contradiz sua vocação primeira.

O mundo que não conhece Deus é tratado no conflito entre a Igreja e a Sinagoga no tempo do evangelista. “Qualifica os adversários de Jesus como ‘deste mundo’, ‘daqui de baixo’ em oposição a Jesus, que é ‘do alto’ e ‘não deste mundo’ (Jo 8,23), indicando a diferença qualitativa entre eles”⁵⁷. O conflito entre as duas partes representa bem a compreensão do que foi exposto.

Segundo o evangelista, o mundo se parece com um grupo forte de pessoas que podem tudo e são lideradas por Satanás, chamado *o príncipe deste mundo* (Jo 12,31; 14,30; 16,11); ele é assassino e mentiroso em sua essência (Jo 8,44), destila ódio contra Jesus e sua doutrina. Com isso o evangelista personifica a realidade do mal existente na história (o que não significa afirmar a personalidade do demônio). Porém, apesar disso, o mundo foi vencido no evento pascal de Jesus (Jo 16,33), foi destruído porque é incapaz de converter-se e receber a salvação. Esse é o motivo pelo qual Jesus não reza pelo mundo (Jo 17,9).

João traça, numa perspectiva teológica, a realidade do mundo, deixa claro o limite entre fé e incredulidade, entre o bem e o mal, emoldura a realidade religiosa de sua época, mostrando que os representantes do mundo não estão dispostos para a conversão. Isso fica muito bem retratado no atrito entre a comunidade joanina e a sinagoga⁵⁸.

O evangelista deixa claro que não é fácil combater ou corrigir os que são contrários ao plano de Deus. Esse mundo retratado por João manifesta-se no coração humano, é nele que está a fronteira entre o mal e Deus. Enfim, mediante tudo isso, o autor não declara definitivamente o que acontece com os opositores de Jesus, sendo eles, representantes das forças do mal, ativos na história.

3.3.5 O alcance das palavras de revelação (Jo 8,12; 9,5)

Quando Jesus diz que é a luz do mundo, as palavras expressas são chamadas *palavras de revelação*. Elas têm como objetivo abarcar todas as nações e atingir os confins da terra; é muito importante seguir Jesus, crer nele⁵⁹. A história do cego de nascimento distingue-se do contexto anterior pela entrada de novas pessoas e grupos. A ação é nova dentro do contexto

⁵⁷ CASALEGNO, 2009, p. 147.

⁵⁸ CASALEGNO, 2009, p. 148.

⁵⁹ BEUTLER, 2015, p. 220.

maior, que foi iniciado em Jo 7,1. Após a cura realizada por Jesus, o cego cresce para ver a luz, ao contrário dos antagonistas de Jesus que prosseguem na cegueira. O ex-cego recebe a luz dos olhos, cresce na fé, reconhece Jesus como o Filho de Deus, o Messias⁶⁰. O sinal realizado por Jesus apontará para a compreensão da sua ressurreição uma vez que está em conexão com a ressuscitação de Lázaro (Jo 11,1-44)⁶¹. Para João, Jesus não é apenas o Messias de Israel, ele é *a luz do mundo* (Jo 9,5)⁶². O termo noite que aparece funciona como prenúncio da Paixão. O ser humano precisa dar o salto qualitativo para encontrar-se com a luz, libertar-se do pecado e acolher a obra de Deus operada por Jesus.

Essa teologia retributiva já havia sido criticada por Jeremias e Ezequiel (Jr 31,29-30; Ez 18,1-4), mas os discípulos não haviam assimilado essa crítica, ao passo que Jesus mostra o sentido que está por realizar: “trata-se de uma obra daquele que o enviou, que atesta que Jesus é a luz do mundo (Jo 9,4-5), afirmação que será comprovada por sua ação de abrir os olhos do cego de nascença”⁶³.

3.3.6 A ampliação da visão e da cegueira

Antes de o milagre ser narrado, o evangelista mostra com toda a prudência Jesus explicando o significado do sinal, a luz que adentra as trevas, porque o homem estava nas trevas e foi levado à luz física e espiritual⁶⁴. Porém, os que pensavam ver são mergulhados nas trevas, cegos para a luz. Após a compreensão teológica do sinal, o evangelista mostra que a visão e a cegueira se ampliam. A cura reflete os milagres veterotestamentários, no entanto a descrição do cego que tem seus olhos abertos faz parte daquilo que os profetas vislumbravam como tempo messiânico (Is 29,18; 35,5; 42,7)⁶⁵.

Tudo leva a crer que o evangelista com sua sagacidade dramática viu na história preservada pela tradição joanina um exemplo muito forte para instruir seus leitores, fortalecendo-os na convicção de que Jesus é o Messias (Jo 20,31), e criou o relato com esse objetivo em vista⁶⁶.

João mostra que a luz triunfa sobre as trevas. Seu escrito é apologético: os judeus do fim do século I rejeitavam tudo o que era atribuído a Jesus de Nazaré, consideravam os

⁶⁰ BEUTLER, 2015, p. 234-235.

⁶¹ BEUTLER, 2015, p. 237.

⁶² BEUTLER, 2015, p. 239.

⁶³ MALZONI, 2018, p. 180.

⁶⁴ BROWN, 2020, p. 649.

⁶⁵ BROWN, 2020, p. 651.

⁶⁶ BROWN, 2020, p. 652.

seguidores de Jesus hereges; por isso o “nós” na boca do cego (v. 29 e 31) é forte, apologético⁶⁷.

Outra lição que fica é o fato de que a Igreja encontrou na cura do cego uma lição batismal: o homem lavou-se na piscina de Siloé, a água exerceu um papel curativo, pois ela é associada a Jesus. Esse simbolismo era compreendido no período neotestamentário como *iluminação* referindo-se aos que eram batizados⁶⁸. O barro nos olhos é uma referência à unção, a doação do Espírito Santo. Jesus manifesta-se e realiza suas obras agora, enquanto é dia; a noite (morte) aproxima-se. Como sua morte se aproxima, Jesus aumenta sua ação em favor da geração da vida.

3.3.7 A vinda de Jesus como juízo para o mundo

Ao falar da vinda de Cristo como luz ao mundo, convém aprofundar o sentido do termo *mundo*, que pode significar o universo ou a humanidade. No pensamento hebraico, o *universo* compreende céu e terra. O significado enquanto mundo humano se deu mais tardiamente. No pensamento grego, *kosmos (mundo)* expressa o conceito como significando universo⁶⁹. Porém, o mundo não se restringe apenas ao universo físico, pode ser também que alcance seu sentido pleno na relação com o homem, criatura à imagem e semelhança de Deus; e pode referir-se ainda à sociedade dos homens. Biblicamente o pecado de Adão causou um efeito ruim no mundo. Na visão joanina, o mundo não consegue vencer o mal pois, ainda, é dominado por ele.

Deus é benevolente com o mundo e quer salvá-lo. Jesus é enviado ao mundo precisamente com essa missão (Jo 3,17; 10,36; 12,47). E o “Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (1,29)”⁷⁰, é a luz do mundo (Jo 8,12; 9,5), testemunha a verdade (Jo 18,37). Deste mundo, alguns saíram das trevas para a luz, enquanto outros preferiram as trevas, rejeitaram a luz, autocondenaram-se (Jo 3,19-20). Além de rejeitarem Jesus, afastaram-se dele, tornaram-se opositores. O mundo voltou-se contra Jesus sob a liderança de Satanás e o hostilizou. Jesus com sua vinda provocou o juízo sobre o mundo (Jo 9,39; 12,31), sobre os que pertencem ao Príncipe deste mundo (1Jo 5,19); o mundo não pôde mais ser compatível com Jesus e seu amor (Jo 16,20; 17,14.16; 18,36; 1Jo 2,15). Também o Espírito que Jesus

⁶⁷ BROWN, 2020, p. 653.

⁶⁸ BROWN, 2020, p. 655.

⁶⁹ BROWN, 2020, p. 809.

⁷⁰ BROWN, 2020, p. 810.

envia não se compatibiliza com o mundo, é hostil a ele (Jo 7,7; 15,19; 16,33; 1Jo 3,13)⁷¹. O mundo despreza Jesus e seus discípulos. No embate entre Jesus e o mundo, o primeiro é o vitorioso, pois, com sua paixão, morte e ressurreição (Jo 16,33), desbanca o príncipe deste mundo (Jo 12,31). Mesmo assim, essa vitória precisa continuar acontecendo depois da partida de Jesus, porque ele envia seus seguidores ao mundo (Jo 17,18) e com a fé que possuem nele vencerão o mundo (1Jo 5,4-5)⁷².

3.3.8 Quem não aceita a luz acostuma-se com a escuridão

O papa Francisco, em recente homilia, ao refletir sobre Jo 3,19, afirma que muitas pessoas se habituaram tanto com as trevas que não conseguem mais ver a luz, ou seja, só sabem mover-se à noite: essa é a consequência do pecado que não tolera a luz⁷³. A luz mostra o que está escondido, o que não queremos ver. Por esse motivo, é ignorada. Prova disso são os escândalos e a corrupção⁷⁴. Enfim, o pecado cega o ser humano, faz com que prefira a escuridão.

Ao falar em luz do mundo (Jo 12,46), Francisco afirma que Jesus apresenta-se como tal (Jo 8,12), tem a missão de iluminar: cumpre a promessa anunciando a luz que iluminaria o povo (Is 9,1; Mt 4,16)⁷⁵. Para o Papa, essa é também a missão dos apóstolos: serem portadores da luz de Jesus. No entanto, o problema é que a luz foi rejeitada (Jo 1,9-11), os seus não a acolheram. Quem não aceita a luz acostuma-se com a escuridão. A luta de Jesus consiste em mostrar como tudo verdadeiramente é, mostrar a liberdade, a verdade e o caminho que ele é e segundo o qual devem caminhar.

Os que estão na escuridão não querem saber de caminhar na luz (Jo 1,10-11). O pecado cega a humanidade, não permite que tolere a luz, os olhos estão doentes, a conversão torna-se clara e essencial, é preciso passar das trevas à luz. As principais causas da doença que nos cegam, adoecem nossos olhos, os olhos da fé são: “Os vícios, o espírito mundano,

⁷¹ BROWN, 2020, p. 810.

⁷² BROWN, 2020, p. 810-811.

⁷³ FRANCISCO, Papa. *Homilia do Papa Francisco: Deixemos entrar em nós a luz de Deus para não sermos como morcegos na escuridão.* (Vaticano, 22 de abril de 2020). Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2020/documents/papa-francesco-cotidie_20200422_guardando-ilcrocifisso-insilenzio.html>. Acesso em: 09 jun. 2021a.

⁷⁴ FRANCISCO, 2020a.

⁷⁵ FRANCISCO, Papa. *Homilia do Papa Francisco: Ter coragem de ver as nossas trevas para que a luz do Senhor entre e nos salve.* (Vaticano, 06 de maio de 2020). Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2020/documents/papa-francesco-cotidie_20200506_dalletenebreinteriori-allalucedicristo.html>. Acesso em: 09 jun. 2021b.

a soberba”⁷⁶. Quem é *cego* está afastado de Jesus. Viver na luz não é fácil, ela revela completamente quem somos. Ao fazer tal reflexão, uma saída se apresenta, Jesus é a luz, quer salvar o mundo, ao invés de condenar (Jo 12,46-47). É preciso deixar-se iluminar pela luz, permitindo que Jesus veja o que está dentro do coração humano porque ele quer nos salvar (Jo 12,47). “O Senhor salva-nos da escuridão que temos dentro, das trevas da vida cotidiana, da vida social, da vida política, da vida nacional e internacional... há muitas trevas dentro de nós”⁷⁷. Mesmo assim, o Senhor salva, desde que quem estiver cego veja as trevas que possui dentro de si. Somente deste modo o Senhor entra e salva. E ainda, não se pode ter medo de Jesus, ele é bondoso, manso, próximo, é luz que salva.

⁷⁶ FRANCISCO, 2020b.

⁷⁷ FRANCISCO, 2020b.

CONCLUSÃO

O fiel ao encontrar-se com Deus torna-se também luminoso, tem a missão de ser luz no mundo, refleti-la. João, em seu evangelho, orienta a descobrir o verdadeiro sentido do ser cristão. O leitor encontra-se com Jesus, luz da humanidade. Crer na luz é importante. Jesus faz apelo para acreditarem nele.

Conforme o evangelista, a luz tem a função de iluminar dentro das trevas, libertar a humanidade. O homem que era cego passou a enxergar a luz física e a luz espiritual. No entanto, os adversários dele (os fariseus) tornaram-se cegos para a luz, lançaram-se na escuridão. O relato de Jo 9 começa e termina falando de cegueira, a de nascença e a espiritual.

A vida do homem bíblico é toda permeada pela luz. Deus, que é a luz por excelência, manifesta-se ao seu povo, sobretudo em momentos difíceis. Entendendo isso, o homem sábio, guiado pela luz, brilha em suas ações. As trevas, ao contrário, identificam-se com a morte, com o fracasso, com o pecado, com o que há de negativo. No que se refere à luz, salienta-se que seu fruto é a bondade. O conceito da luz remete a outros conceitos afins: está em contraste com escuridão, normalmente, refere-se a alguma fonte de luz (sol, lua, estrela, luz do dia, claridade, fogo, lâmpada).

A semântica da luz no Quarto Evangelho mostra que só Deus é luz em sentido pleno, nele não há trevas. A luz é uma necessidade para que haja vida, sem ela só existe morte, escuridão, pecado. Neste sentido, o crente sai das trevas que tornam o homem prisioneiro e separado de Deus, privado da vida. Jesus por sua palavra e como luz é o Enviado do Pai para que o mundo seja salvo. Ele, o Filho de Deus, manifesta-se ao mundo como vida e luz, mas é rejeitado. Nessa situação, o evangelista João conclui que a luz sempre vencerá as trevas. Jesus é luz que brilha nas trevas, atrai os homens a si e os conduz a Deus. Sua presença no mundo é julgamento, pois obriga os homens a decidirem-se a favor ou contra a luz.

Para o autor da 1Jo, os cristãos verdadeiros lutam contra o maligno, contra a escuridão, contra os falsos mestres. O primeiro passo para que isso aconteça é reconhecer-se pecador, acolher a graça de Deus, cumprir os mandamentos. Assim, entende-se que verdade e amor são intrínsecos.

A luz ilumina a vida e a mente das pessoas, abrange a sensibilidade. Quando Jesus se revela como luz, passa a ser a fonte e a plenitude da vida. Mesmo assim, o testemunho que deu de si, como luz do mundo (Jo 8,12), não foi aceito pelos fariseus. Parece que a adesão a Jesus no tempo e contexto do evangelista era proibida, por isso a exclusão pelas autoridades

religiosas judaicas se impõe com toda força. O templo deixa de ser o lugar de encontrar-se com Deus. Pode-se entender que Deus Pai sai do templo quando o Filho Jesus é expulso (Jo 8,59).

A metáfora atribuída a Jesus dá o tom em Jo 8. A tradição profética previra que o Messias iluminaria Israel e todas as nações; assim, quem recusa a luz é julgado por ela. Jesus, ao julgar um cego de nascimento, mostra que sua missão é revelar a vontade de Deus que salva. Ele, como enviado do Pai (Jo 9,4), envia seus discípulos (Jo 13,20; 17,18; 20,21). O objetivo de Jo 9 é o testemunho a favor de Jesus.

Jesus revela-se como luz do mundo (Jo 8,12; 9,5), deixa claro que é por ele que o discípulo terá a luz da vida. Os símbolos e arquétipos joaninos são universais, alcançam o homem hodierno. Quanto à compreensão que o evangelista tem de mundo, ao apresentar a metáfora de Cristo como luz, acentua a necessidade dessa luz, considera o mundo na sua oposição a Deus, como o que se opõe a Deus. E isso tem um alcance mais amplo que uma conceituação judaica pontual; localiza-se, por exemplo, no Império Romano, no sistema econômico, social e religioso.

O capítulo 9 de João é um aprofundamento de Jo 8,12, Jesus entra num embate com as trevas (os líderes político-religiosos), responsáveis pela cegueira do povo. O cego curado por Jesus, que passa a enxergar, representa o povo. Assim, o mundo é amado pelo Pai e por Jesus. Entretanto, esse amor foi rejeitado, o Verbo encarnado não foi acolhido. À medida que o tempo passa, surgem mais opositores a Jesus, como aparece no conflito entre a comunidade joanina e a sinagoga.

No Evangelho escrito por João, o mundo não é completamente mal, mas precisa ser liberto do príncipe das trevas, Deus quer salvá-lo, Jesus é o Enviado para essa missão. A libertação dá-se no evento pascal de Jesus (Jo 16,33), uma vez que parte do mundo não quis converter-se e receber a salvação. O texto aponta que a parcela do mundo que não está liberta e é composta tanto pelos judeus hostis a Jesus ou à comunidade cristã, como por outros que ainda não conhecem a Deus.

Após a realização do sinal, teologicamente são ampliadas a visão (do cego) e a cegueira (dos fariseus). O evangelista viu nesse sinal um momento forte para instruir seus leitores de que Jesus é o Messias (Jo 20,31); o relato tem esse objetivo. Encontrou-se também uma lição batismal no fato de o homem cego lavar-se na piscina de Siloé, associada a Jesus. Os batizados eram chamados de iluminados. Viver na luz é difícil porque ela revela quem somos. Só que Jesus salva ao invés de condenar. É preciso deixar-se iluminar por ele que é a luz do mundo.

A reflexão de João, num primeiro momento, atinge a sua realidade, a comunidade cristã frente às autoridades religiosas judaicas. Num segundo momento, o relato é universal, chega até nós, supera a dimensão do tempo. O ideal seria que todos enxergassem, fizessem a experiência da luz. Sabe-se, infelizmente, que muitos acostumaram-se com as trevas, preferem-nas. É bastante estarrecedor saber que os que têm a missão de ser luz e se dizem enxergar são cegos e conduzem outros para as trevas.

Esse tipo de situação é desumano, não fraterno, egoísta, visa manter privilégios das elites. Os que são liderados, privados de liberdade, acomodam-se, acreditam que a condição na qual estão vivendo é normal, vontade de Deus. Quando a religião exerce o poder e a força, impõe-se pelo medo. Os pais do homem curado são um exemplo disso. As pessoas reconhecem o homem curado, dizem sobre ele, antes da cura era um pedinte. O fato é irônico, ele não pede nada a Jesus, mas quando Jesus lhe dá uma ordem, imediatamente, acata, converte-se em sinônimo da ovelha que escuta a voz do Bom Pastor.

Depois da cura, o homem se torna autônomo, sendo capaz de ver a luz por si só. Essa capacidade de visão pode ser compreendida tanto no sentido físico quanto espiritual. Essa é a missão de todo batizado, da comunidade cristã, daquele que faz a experiência da luz verdadeira. O iluminado auxilia na iluminação de outras consciências, denuncia a escuridão, liberta as pessoas. É assim que a manifestação de Deus acontece naquele homem: sensibiliza a todos para a importância do cuidado, do amor ao próximo, da fraternidade. O outro não pode ser excluído, descartado como um simples objeto, sobretudo no momento da dor, da fragilidade. Deus não abandona seus filhos e, uma forma que ele tem de cuidar é: confiar a homens e mulheres a sensibilidade para com seus semelhantes, protegendo-os, libertando-os, amando, dando carinho. Esse deve ser, também, o papel das lideranças religiosas.

REFERÊNCIA

- AGOSTINHO, S. *Comentário da primeira Epístola de São João*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- BEUTLER, J. *Evangelho segundo João: comentário*. São Paulo: Loyola, 2015.
- BORGONOVO, G. *La notte e il suo sole: Luce e tenebre nel libro di Giobbe, analisi simbólica*. Roma, Editrice Pontificio Instituto Biblico, 1995.
- BORTOLINI, J.; BAZAGLIA, P. *Como ler as cartas de João: Quem ama nasceu de Deus e conhece a Deus*. São Paulo: Paulus, 2001.
- BROWN, R. E. *Comentário ao evangelho segundo João (1-12): introdução, tradução e notas*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2020. v. 1.
- CASALEGNO, A. *Para que contemplem a minha glória (João 17,24): Introdução à teologia do Evangelho de João*. São Paulo: Loyola, 2009.
- DODD, C. H. *A interpretação do quarto evangelho*. São Paulo: Teológica, 2003.
- FABRIS, R; MAGGIONI, B. *Os Evangelhos II*. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- FRANCISCO, Papa. *Homilia do Papa Francisco: Deixemos entrar em nós a luz de Deus para não sermos como morcegos na escuridão*. (Vaticano, 22 de abril de 2020). Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2020/documents/papa-francesco-cotidie_20200422_guardando-ilcrocifisso-insilenzio.html>. Acesso em: 09 jun. 2021a.
- FRANCISCO, Papa. *Homilia do Papa Francisco: Ter coragem de ver as nossas trevas para que a luz do Senhor entre e nos salve*. (Vaticano, 06 de maio de 2020). Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2020/documents/papa-francesco-cotidie_20200506_dalletenebreinteriori-allalucedicristo.html>. Acesso em: 09 jun. 2021b.
- HARRIS, R. L; ARCHER JR, G. L; WALTKE, B. K. *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- KONINGS, J. *Evangelho segundo João: Amor e fidelidade*. São Paulo: Loyola, 2005.
- KONINGS, J. *João: o evangelho do amor de Deus*. São Paulo: Loyola, 2019.
- KONINGS, J; KRULL, W; MAREANO, M. *Tiago, Pedro, João e Judas: cartas às comunidades*. São Paulo: Loyola, 2019.
- KÜMMEL, W. G. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1982.
- LÉON-DUFOUR, X. (Org.). *Vocabulário de teologia bíblica*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do evangelho segundo João I (capítulos 1-4)*: Palavra de Deus: São Paulo, Loyola, 1996a.

LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do evangelho segundo João II (capítulos 5-12)*. São Paulo: Loyola, 1996b.

LÉON-DUFOUR, X. *Os evangelhos e a história de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 1972.

LOUW, J; NIDA, E. *Léxico grego-português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.

MALZONI, C. V. *Evangelho segundo João*. São Paulo: Paulinas, 2018.

MENDONÇA, S. M. *O Cristo-luz no quarto evangelho e o tema da "luz" em Qumran: Perspectiva literária do quarto evangelho a partir da sua relação com a Regra da Comunidade*. 2009, 217 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

MONLOUBOU, L; DU BUIT, F. M. *Dicionário bíblico universal*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MORGENTHALER, R. *Statistik des neutestamentlichen Wortschatzes*. Frankfurt: Gotthelf, 1958.

MUDERHWA, B. V. The blind man of John 9 as a paradigmatic figure of the disciple in the Fourth Gospel. *HTS Theologese Studies / Theological Studies*, Cape Town, v. 68, n. 1, p. 156-166, Dec. 2011.

PERIYASAMY, S. *The new-old commandment: "As I have loved you" (Jn 13,34-35) an exegetico-cultural investigation*. 2019, 170 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2019.

RAVASI, C. G. Ano internacional da luz: Perspectiva bíblica, religiosa e cultural. (Paris, 19 de janeiro de 2015). Disponível em: <https://snpcultura.org/ano_internacional_da_luz_perspetiva_biblica_religiosa_cultural.html>. Acesso em: 14 jun. 2021.

SCHNACKENBURG, R. *El Evangelio según San Juan: Versión y comentario*. Barcelona: Herder, 1980. Tomo II.

SILVANO, Z. *Primeira carta de João: crer em Jesus Cristo e amar uns aos outros*. São Paulo: Paulinas, 2019.

SIMOENS, Y. *Selon Jean: 2. Une interprétation*. Bruxelles: Institut Études Théologiques, 1997.

UPCHURCH, C. "I was blind and now I see" (John 9:1-41). *The Bible Today*, Collegeville, v. 50, n. 4, p. 211-216, Jul. 2012.